



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**BRENDA NASCIMENTO DUARTE SILVA**

**ARTE E SERVIÇO SOCIAL NA EDUCAÇÃO FACE À BARBÁRIE CAPITALISTA:  
POSSIBILIDADES DA ARTE COMO MEDIAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL.**

**São Cristóvão  
2024**

**BRENDA NASCIMENTO DUARTE SILVA**

**ARTE E SERVIÇO SOCIAL NA EDUCAÇÃO FACE À BARBÁRIE CAPITALISTA:  
POSSIBILIDADES DA ARTE COMO MEDIAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título bacharel em Serviço Social sob orientação do Prof. Drº Jetson Lourenço Lopes da Silva.

**São Cristóvão  
2024**

## RESUMO

O que aqui se pretende é investigar o espaço ocupado pela arte na capacidade socioeducativa do fazer profissional no Serviço Social, especialmente no contexto brasileiro, marcado pela emergência da barbárie do capitalismo em todas as esferas da vida. Traz como embasamento as reflexões de György Lukács, Walter Benjamin, Antonio Gramsci e Carlos Nelson Coutinho acerca da arte revolucionária, a qual antropomorfiza a visão do indivíduo sobre o mundo, bem como a organização da cultura. Tratou-se de pesquisa bibliográfica, de tipo exploratória, para compreender percepções e práticas relacionadas ao uso da arte como ferramenta de intervenção socioeducativa. A proposta central é analisar a arte como componente da sociabilidade humana e seu lugar na sociedade capitalista, compreender a dimensão socioeducativa do Serviço Social brasileiro e averiguar a presença da arte no Serviço Social como mediação profissional. Os resultados apontam que, embora a arte possa ser um meio de reflexão crítica e emancipação, sua efetividade está condicionada à articulação com lutas sociais ainda mais amplas.

**Palavras-chave:** Arte, Serviço Social, Educação, Mediação profissional.

## RESUMEN

Lo que pretendemos aquí es investigar el espacio ocupado por el arte en la capacidad socioeducativa de la práctica profesional en Trabajo Social, especialmente en el contexto brasileño, marcado por el surgimiento de la barbarie del capitalismo en todas las esferas de la vida. Trae como base las reflexiones de György Lukács, Walter Benjamin, Antonio Gramsci y Carlos Nelson Coutinho sobre el arte revolucionario, que antropomorfiza la visión del mundo del individuo, así como la organización de la cultura. Se trató de una investigación bibliográfica exploratoria para comprender percepciones y prácticas relacionadas con el uso del arte como herramienta de intervención socioeducativa. La propuesta central es analizar el arte como componente de la sociabilidad humana y su lugar en la sociedad capitalista, comprender la dimensión socioeducativa del Trabajo Social brasileño e investigar la presencia del arte en el Trabajo Social como mediación profesional. Los resultados indican que, si bien el arte puede ser un medio de reflexión crítica y emancipación, su eficacia está condicionada por la articulación con luchas sociales aún más amplias.

**Palavras-chave:** Arte, Trabajo Social, Educación, Mediación profesional.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>13</b>
1.1 A anatomia dos fundamentos da arte e suas facetas	13
1.2 Função social e politização da arte na Estética	17
1.3 A reprodutibilidade técnica e a “perda da aura” no pensamento benjaminiano	24
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>30</b>
2.1. De Lima Barreto à Tropicália: Produções culturais brasileiras e seus impactos	30
2.2. Diálogos interdisciplinares entre Serviço Social e Arte/Cultura: Quais são as possíveis aproximações?	38
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>49</b>
3.1 Os procedimentos metodológicos	49
3.2 Arte/Cultura e Serviço Social: o que está sendo produzido sobre a temática?	52
3.2.1 Eventos, congressos e encontros de expressão no Serviço Social: Como estão se colocando frente ao diálogo da arte?	58
3.3 Direções sociais do uso da Arte como ferramenta socioeducativa: uma análise das categorias e perspectivas utilizadas nas produções acadêmicas	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>71</b>

## AGRADECIMENTOS

No percurso da graduação, tive a oportunidade de mergulhar em minhas relações sociais de maneira que palavras são insuficientes para esboçar. Sinto que a escolha do curso foi um dos pilares para que eu pudesse me entender melhor como amiga, como filha, neta e sobretudo como pessoa que respira o amor pelos poros.

Muito de mim aprendi com a minha **Mãe**, a quem amo imensamente e, de certa maneira, é um pilar indissociável da minha vida. Agora tenho a oportunidade de retribuir, ao menos um pouco, todo o seu incansável esforço e inegável garra. Ao meu **Pai**, que aspira conforto e jovialidade, bem como sempre está em sintonia com o modo em que vejo o mundo. Às minhas **Avós**, que com a admiração incondicional que possuem por mim me fazem mais forte.

Gostaria de direcionar meus agradecimentos aos encontros que tive nos últimos ou, para alguns, de muitos anos e até de outras vidas. À **Aruna**, que há mais tempo do que posso contar nos dedos me causa inspiração e o sentimento de que nem tudo é efêmero. À **Ericka**, que instantaneamente me fez sentir tão acolhida; Nós que somos tão diferentes, unimos forças como uma só. Sempre me trouxeram as melhores perspectivas das coisas, aprendo incessantemente a desenvolver o melhor de mim com vocês.

Dedico também à **Mary** e **Beathriz**, que me tiram as melhores risadas e agora posso demonstrar o quanto existe admiração minha por ambas. Para **Cláudia**, **Vivi**, **Lídia** e **Tainara**, que para além do espaço acadêmico (no qual as considero brilhantes) sempre dividiram os momentos mais divertidos dos últimos anos comigo.

Sinto a necessidade de me dirigir também a muitas pessoas que compartilharam comigo vivências e conexões; Me questiono como tive a sorte de possuir. Por elas guardo bastante estima, seja na distância ou como nunca tão perto. São elas: **Eduarda**, **Lígia**, **Isadora**, **Letícia**, **Kalyanne**, **Letícia Aparecida**, **Maryanne**, **Amanda**, **Erick**, **Beatriz** e **Julia Lobo**. Em vocês enxergo a singularidade de cada uma, e o quanto são cativantes em tudo. Agradeço por cada afeto, escuta e companheirismo. Dividir meus momentos com vocês alimenta diariamente minha pulsão de vida.

Em metade da minha jornada acadêmica, tive a oportunidade de ter o apoio de **Jéssica**, **Jamile**, **Niella**, **Mariana** e **Carla**. Fortalecer vínculos com profissionais tão assíduas e comprometidas com os objetivos da profissão me tornou indubitavelmente mais confiante e bastante interessada em escapar da minha zona de conforto. Aprendo com vocês e agradeço por tornar a experiência prática na EMURB um desafio diferente de tudo que já vivi.

Gostaria de tomar um espaço especial para agradecer à **Nailsa**, que considero célebre no que faz e se tornou um grande estímulo intelectual para mim. As reflexões detalhadas, a afinidade com o ir além, a confiança em um tema pouco explorado e a facilidade em articular ideias tão preciosas para este trabalho me brilharam os olhos. É natural se conectar com você e sua personalidade tão única. Espero que saiba o quanto apreciei os semestres que tive sob sua orientação. São inesquecíveis!

Por último, quem lapidou este trabalho como ninguém, **Laurenço**! Obrigada pela sua orientação tão caprichada, que elevou o nível do meu fim de graduação. Todos os seus aconselhamentos, nossos diálogos e sua confiança no meu processo de escrita foram de suma importância para que eu pudesse finalizar tudo com o sentimento de dever cumprido. Registro aqui minha gratidão pela força, compreensão, humor refinado, apreço pela arte, alinhamento com a consciência crítica e sobretudo pelo cuidado comigo de cada um aqui citado.

*“Mas se eu esperar compreender para aceitar as coisas — nunca o ato de entrega se fará. Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão.”*

(Clarice Lispector)

## INTRODUÇÃO

Para Fischer (1971), a arte não é um luxo dispensável, mas uma necessidade fundamental para a humanidade, especialmente em contextos históricos marcados pela crise estrutural do capital e pelo individualismo exacerbado característico do neoliberalismo. Neste cenário, a arte emerge como um contraponto crítico, potencializando a capacidade reflexiva dos sujeitos e ampliando a consciência sobre a realidade social.

O que se pensar sobre a arte e seu potencial socioeducativo? A arte se constitui como um elemento de elevação da cotidianidade, uma vez que essa relê a vida cotidiana, provocando questões e inquietações de um nível que talvez outros processos poderiam não alcançar (Scherer, 2013). É a partir deste entendimento que esse TCC pode ser de suma importância para esclarecer os espaços ocupados pela Arte na capacidade emancipatória do fazer profissional frente ao projeto burguês, o que implica em uma discussão acerca da instrumentalidade da profissão e suas mediações. Nessa mesma finalidade, temos a afirmação de Mészáros (2005, p. 48):

[...] apenas a mais ampla das concepções de educação nos pode ajudar a perseguir o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompam com a lógica do capital.

Este entendimento se deu também a partir do interesse pessoal antigo nos movimentos de contracultura, de resistência cultural, que questionava os tradicionalismos e propunha uma nova visão de mundo – o que tornou impossível não enxergar a arte como intrínseca ao reflexo da realidade concreta e levou à necessidade de estabelecer essa pesquisa. A arte, usada na prática profissional, pode refletir os efeitos da “questão social”, explicitar e opor-se frente a como sociedade está estruturada. Ela pode servir como uma ferramenta universal para entender o passado e o presente.

Dado que o Serviço Social é uma profissão que lida com uma ampla gama de dinâmicas sociais e aborda diversas expressões da "questão social", é crucial que os profissionais desta área desenvolvam constantemente sua capacidade criativa para aprimorar suas intervenções, e a arte, em consonância com as três dimensões da profissão, pode ser uma potente aliada ao considerar contribuições dos movimentos artísticos, do ativismo cultural, das escolas literárias, da música, do teatro e do cinema.

É sabido que, mesmo com o resgate da totalidade e das determinações do real em pauta, não se debate e/ou pesquisa suficientemente sobre possíveis relações entre Arte e

Serviço Social. Na grade curricular do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS), há apenas uma disciplina que explora conteúdos aproximados ao tema deste projeto, sendo ela Cultura, Identidade e Subjetividade. Dentre as linhas de pesquisa do curso, nenhuma envolve eixos temáticos relacionados à cultura, arte e afins, fato este que, por infortúnio, gera uma carência de pesquisas científicas sobre tal temática. Foi observado que apesar de ser uma temática rica, presente no cotidiano profissional e extremamente valiosa para o Serviço Social, pouco se estimula o debate da mesma na academia.

De modo a desmistificar possíveis caminhos para a superação da vida cotidiana ordinária (ou vulgar), é com grande estima que esse trabalho aproxima-se das possibilidades de revitalizar as ações socioeducativas do Serviço Social de maneira criativa e lúdica, contribuindo diretamente com as produções acerca de Arte e Serviço Social. Essa temática carrega bastante potencial e possui abertura para um leque de possibilidades para o fortalecimento do projeto ético-político da profissão, sendo esta uma das justificativas para esse trabalho.

O interesse de desenvolver esse trabalho se deu a partir de visitas institucionais durante o período da graduação, tendo em vista que em sua maioria, os padrões convergiam em um entendimento: O de que a arte foi ponto de partida para diversos espaços discursivos estratégicos e espaços de resistência. Através dela era possível causar certo impacto na inversão de padrões construtivos.

Nesta direção, o trabalho teve como seu abre-alas a estética marxista de György Lukács, filósofo e teórico húngaro, que está profundamente enraizada na tradição marxista, a qual intenta compreender a relação entre a arte e a vida social. Fundamenta-se também em autores como Walter Benjamin, Antonio Gramsci e Carlos Nelson Coutinho.

Lukács (2011) reflete sobre a discussão de que a arte, feita pelo povo, possui condições de ser um meio de promover a desfetichização, pois intenta desvencilhar-se das influências mercantis da sociedade capitalista, no sentido de romper a realidade imersa pela exploração do trabalho. O húngaro vê como objetivo de toda a grande expressão artística a apresentação de uma imagem da realidade em que é possível explicitar as contradições do fenômeno e da essência.

Para Lukács (2011), a arte permite que a humanidade desenvolva uma autoconsciência, uma compreensão reflexiva e subjetiva do seu próprio progresso. Ao partilhar de uma linha de pensamento semelhante, Walter Benjamin traz a arte, sobretudo a fotografia, como uma ampliadora do inconsciente ótico, no sentido de expandir a percepção das coisas, para além do mundo das aparências. Coutinho (2011) parte da estética de Lukács

para desmembrar grandes nomes da arte nacional, que por sua vez, tiveram grande influência nas investidas contra-culturais na conjuntura brasileira e na ampliação da consciência crítica.

Em termos de mediação profissional, Guerra (1995) afirma que assistentes sociais modificam, transformam, alteram as condições objetivas e subjetivas e as relações interpessoais e sociais existentes num determinado nível da realidade social: no nível do cotidiano. Essa afirmação destaca o papel fundamental dos assistentes sociais na emancipação e transformação no nível cotidiano da realidade dos usuários, atendendo às necessidades da classe trabalhadora por meio de mediações.

O Serviço Social possui uma natureza educativa que intenta o diálogo problematizador, a coletivização de demandas individuais e a emancipação dos usuários. Célebres autores da categoria profissional dialogam fortemente e partilham pensamentos convergentes no que tange à dimensão socioeducativa da profissão. Yasbek (2006) traduz a dimensão socioeducativa como vinculadora do fortalecimento dos projetos e das lutas dos segmentos subalternizados, bem como Netto (1996) enfatiza que a ação socioeducativa é um dos requisitos para que o sujeito alcance um desenvolvimento ascendente de sua autonomia.

Mészáros (2008) destaca a importância crucial da educação como uma estratégia soberana para promover uma mudança qualitativa nas condições sociais e na conscientização individual, visando criar uma ordem social radicalmente diferente do sistema capitalista. Ele argumenta que a ampliação da riqueza social é fundamental, contrastando com a obsessão pela expansão do capital. O autor enfatiza a necessidade de a educação quebrar a lógica do capital, tornando-se inseparável da transformação social emancipadora. Mészáros propõe a indissociabilidade dessas tarefas, defendendo uma articulação entre elas. Ele propõe uma educação ativa, orientada por uma ordem social que transcenda os limites da ordem vigente, para atingir objetivos emancipatórios.

Este trabalho buscou explorar a potencial utilização da arte como mediação no Serviço Social e como ela pode colaborar com o desenvolvimento de teorias e práticas mais robustas na área. É por esta direção em que se é possível fornecer evidências que se materializam em benefícios da incorporação da arte nas intervenções sociais e, assim, influenciar políticas e diretrizes profissionais.

O percurso metodológico se deu a partir da escolha pelo método crítico-dialético, possui caráter exploratório e bibliográfico, que buscou compreender a relação entre arte e Serviço Social a partir de um referencial teórico da tradição marxista. A metodologia utilizada envolve a análise de produções acadêmicas, seja em revistas estimadas pelo Serviço Social ou repositórios universitários, bem como por encontros, eventos e congressos de grande escala da

profissão, com o objetivo de identificar como a arte tem sido incorporada nas práticas do Serviço Social. Além disso, examina-se a dimensão socioeducativa, considerando suas potencialidades e limitações na mediação profissional.

Conforme Abreu (2002), é pela ação profissional sob a dimensão pedagógica que é possível estabelecer uma relação com as classes subalternas e se materializa a partir do momento em que é ínfimo no desenvolvimento da maneira de estabelecer pensamentos e atitudes críticas dos usuários. Sob essa lógica, a ação socioeducativa é um dos elementos que inicia um processo de conscientização contra hegemônica pautada na apreensão crítica da realidade, tendo como fenômeno simultâneo a transformação social. Dessa maneira, qual o espaço ocupado pela arte na capacidade socioeducativa do fazer profissional no Serviço Social?

## CAPÍTULO I

Neste capítulo, será possível esmiuçar, primeiramente, o que fundamenta a arte como elemento antropomorfizador. Foi priorizado reunir um levantamento de categorias, termos e fundamentos que trazem a arte para perto do seu caráter político e sua função social, bem como suas diversas facetas. Durante o percurso deste capítulo, foram utilizadas reflexões da estética marxista e das noções sobre emancipação humana. Também é explorada a dicotomia entre arte engajada e arte alienada, tendo em vista como diferentes movimentos artísticos ora contribuem para a conscientização e transformação social, ora são instrumentalizados para reforçar valores dominantes. Além disso, são discutidas as estratégias da extrema-direita na apropriação da cultura para fins ideológicos, demonstrando como a arte pode ser tanto um meio de dominação quanto de resistência.

### 1.1 A anatomia dos fundamentos da arte e suas facetas

O termo Estética vem da tradução da palavra grega *aesthesis*, que significa conhecimento sensorial, experiência, sensibilidade. A Estética busca compreender as razões pelas quais certas coisas são consideradas belas, a natureza da experiência estética e o papel das artes na expressão humana e na cultura. É uma área ampla e diversificada que continua a evoluir com as mudanças na sociedade e na percepção humana ao longo do tempo.

Na Arte Poética, Aristóteles, segundo Chauí (2000), demonstra uma considerável dedicação ao explorar o papel educacional das artes, especialmente ao destacar a tragédia. Para ele, a tragédia tem uma função de provocar *catarse* nos espectadores. *Catarse* refere-se à purificação espiritual das emoções, um processo pelo qual os espectadores são profundamente comovidos pelas intensas emoções, como fúria, inquietação, revolta e ímpeto das personagens trágicas, as quais são exprimidas da própria realidade.

Na tradição estética, *mimesis*<sup>1</sup> refere-se à maneira como as obras de arte imitam ou refletem a realidade. Esta ideia influenciou várias correntes artísticas e teóricas ao longo da história, moldando o entendimento da relação entre arte e realidade. É por meio da *mimesis* que a arte consegue criar situações e personagens que evocam uma resposta catártica e intensa ao público. A *mimesis* é o processo de representação da realidade e das emoções humanas na arte, enquanto a *catarse* é o efeito emocional que essa representação pode provocar.

---

<sup>1</sup> O termo *mimesis* tem suas raízes na Grécia Antiga e é derivado do grego "mīmesis" (μίμησις), que significa "imitação" ou "representação". O conceito é fundamental na filosofia e na estética e se relaciona com a maneira como a arte imita ou representa a realidade.

Entende-se que esse processo é essencial para o desenvolvimento de identificação com as situações propostas.

Lukács vê no sentimento de liberação e de purificação da catharsis a vocação irredutível da arte: a realização, em seu espaço homogêneo, de uma harmonia única entre subjetividade e objetividade, entre interioridade e exterioridade. (Tertulian, 2008, p. 43)

A Estética marxista de Lukács é sistematicamente embasada pela *teoria do reflexo*. Em Lukács (2023), o reflexo estético é concebido como humanizador, bem como a arte é pautada como uma das mais bem sucedidas objetivações do espírito humano, produzidas por um processo histórico mutável, visto que é dotada de historicidade<sup>2</sup>. O filósofo traz consigo uma relação entre a vida cotidiana e a arte, pondo em tese o papel da arte como desfeticizadora e dotada de possibilidades para o autoconhecimento sensível do homem.

Neste contexto, a *mimesis* não se limita apenas à imitação literal da realidade objetiva, mas é mais profundamente entendida como a capacidade da arte de refletir e representar a totalidade das experiências humanas dentro de uma conjuntura social e histórica específica. A experiência catártica dá a chance de “viabilizar aos indivíduos inseridos na vida cotidiana a possibilidade de se tornarem inteiramente homens” (Netto, 2023, p. 64). E esta viabilização pode ser considerada de grande interesse a um dos objetivos do Serviço Social para com os usuários e seus profissionais.

Ao entender melhor as categorias "vida cotidiana", "conservadorismo", as quais possuem forte influência no atual contexto de avanços da extrema-direita, é possível começar a se desenvolver estratégias de enfrentamento e mobilização a partir dos assistentes sociais. É preciso estabelecer a retomada da noção do que se refere a direitos. Com o fortalecimento dos processos de precarização das políticas sociais e a refilantropização, sobretudo da política de assistência social, vê-se o hecatombe dos princípios como a universalização, a igualdade e a justiça social. Nesse sentido, é necessário resgatá-los.

Ainda em Chauí (2000), temos que um dos caminhos para alcançar a função catártica, para Aristóteles, era a música. A mesma possui características necessárias para evocar as emoções essenciais que objetivam a *catarse*. A música não é apenas um componente acessório, mas um elemento essencial na expressão artística trágica, bem como promove uma experiência emocional que leva à purificação espiritual e à compreensão mais profunda das

---

<sup>2</sup> Lukács entende a historicidade como categoria intrínseca a todos os fenômenos sociais e culturais, pois são produtos de um processo histórico. Para entender qualquer aspecto da sociedade — seja uma ideologia, uma prática social ou um sistema econômico — é essencial situá-lo dentro do contexto histórico em que surgiu e se desenvolveu.

complexidades humanas, o que reforça seu caráter pedagógico. Para Fischer (1971, p. 19), a arte segue uma função social desde sua origem:

A arte em sua origem foi magia, foi um auxílio mágico à dominação de um mundo real inexplorado. A religião, a ciência e a arte eram combinadas, fundidas, em uma forma primitiva de magia, na qual existiam em estado latente, em germe. Esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornavam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social.

Em contrapartida, também houve a perspectiva eurocêntrica do evolucionismo, para a qual “as sociedades que desenvolvessem formas de expressão artística, troca, comunicação e poder distintas do mercado, da escrita e do Estado europeu, eram definidas como “culturas primitivas”. Em outras palavras, foi introduzido um conceito de valor para distinguir as formas culturais.” (Chauí, 2008, p. 56)

Rancière (2009), filósofo francês e pesquisador da relação entre arte e política, desenvolveu o seu conceito fundamental denominado "partilha do sensível" (*partage du sensible*). Este conceito destaca a ideia de que a arte pode ser um meio de dissensão, um modo de desafiar as normas estabelecidas e perturbar as hierarquias existentes na sociedade. A arte pode ser uma ferramenta de emancipação, permitindo que diferentes grupos e classes expressem suas próprias vozes.

Denomino partilha do sensível como o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (Rancière, 2009, p. 15)

A partilha do sensível, portanto, trata-se da distribuição de espaços, tempos e formas de experiência sensorial na sociedade. Para Rancière (2009), é na relação entre política e a arte que se faz possível a transformação da configuração do sensível, enquanto o que o filósofo denomina “polícia” distribui estruturas e identidades sociais, a arte política causa a ruptura e o afastamento delas, redistribuindo-as. Nesse sentido, a arte é intrinsecamente ligada à política e à emancipação.

A partir da segunda Revolução Industrial, no século XIX, o universo das artes viu-se imerso nas engrenagens da indústria cultural. É sabido que “[...] em toda sociedade,

independentemente da existência da produção mercantil, onde vige a apropriação privada do excedente econômico, estão dadas as condições para a emergência da alienação” (Netto, 1981, p. 74).

Embora o nazi-fascismo houvesse terminado com o final da Segunda Guerra Mundial, a massificação propagandística da arte não terminou com ele: foi incorporada pelo stalinismo (que desfigurou e destruiu qualquer esperança socialista) e pela indústria cultural dos países capitalistas. Surgia a cultura de massas (Chauí, 2000, p. 421)

Chauí (2000) diz que a arte, sob controle econômico e ideológico, tornou-se o seu oposto. Comumente expressivas, passaram a se tornar repetitivas e reprodutivas, como também viraram produtos consagrados pelo modismo, consumismo e pela fetichização<sup>3</sup>.

A fetichização – ao criar uma falsa impressão de autonomia e independência das mercadorias e das relações sociais – enfraquece a consciência crítica e a capacidade de ação política. Ao tratar as condições sociais como dadas e inalteráveis, a fetichização reduz a capacidade das pessoas de imaginar e lutar por alternativas. A expansão global do estágio monopolista do desenvolvimento capitalista implica que o modo de produção e reprodução da vida material e social é cada vez mais incorporado à forma capitalista, quase eliminando outras alternativas de produção dos meios essenciais para a vida social.

Fundado na estrita socialização da sociedade, o dinamismo do capitalismo promove simultaneamente a dessacralização do mundo extra-humano: implementando tecnologias que implicam uma efetiva e crescente desantropomorfização da realidade, desenvolvendo as ciências e fazendo delas um componente imediato de forças produtivas gigantescas, gratificando só as posturas manipuladoras ante o real, a sociedade burguesa constituída é visceralmente profana e laica (Netto, 1981, p. 79)

Vázquez (1978) aborda a expressão "ditadura do utilitarismo", a qual denota a inclinação de limitar a arte e a educação aos objetivos do mercado e do consumismo. Isso implica na redução da liberdade humana, assim como da capacidade criativa e transformadora. Fundamentalmente, destaca a preocupação com a submissão dessas áreas à lógica utilitária e comercial, em detrimento da “liberdade de expressão”.

Embora exista de fato a limitação da arte a partir da sua mercadorização, “[...] a arte que faz expressa então sua inconformidade, inclusive, sua rebeldia contra este mundo burguês” (Vázquez, 1978, p. 180). Significa dizer que apesar de toda massificação, a

---

<sup>3</sup> A categoria da fetichização está intimamente relacionada ao seu conceito de reificação e à análise do “caráter fetichista da mercadoria” (Der Fetischcharakter der Ware), desenvolvido por Karl Marx.

humanidade encontra espaços de resistência contra-hegemônica para desenvolver o sensorial a partir de diferentes lugares e horizontes. Nota-se bem que apenas parte dos conjuntos dos seres sociais pode alcançar tal façanha, tendo em vista os lugares de classe que ocupam e suas capacidades coletivas de afrontar as aparências e o *status quo anti*.

O debate do autor faz-se de suma importância para entender que a arte, apesar de ter potencial para dilacerar determinados aspectos da alienação, como bem aponta Lukács, também pode ser reduzida a produto de mercado; completamente subjugada a interesses e limitações da burguesia/do nazi-fascismo, a partir do esvaziamento das áreas que fomentam a transformação, como alertam Vázquez e Benjamin.

O assistente social está em constante contato com o estranhamento – lê-se alienação – da classe trabalhadora, a qual significa sentir-se separado das condições e resultados do próprio trabalho e das relações sociais. Um caminho para superar esse estranhamento é a emancipação humana. Essa emancipação envolve superar a alienação ou estranhamento que os trabalhadores sentem em relação ao seu trabalho e às suas interações sociais. Em vez de se sentir subordinado e alienado pelas condições de produção, o objetivo é que os indivíduos vejam esses aspectos como uma extensão de suas próprias capacidades e potencialidades.

Nesse sentido, a emancipação humana é um dos horizontes almejados pela chamada prática profissional. Como prova disso, o Projeto Ético-Político do Serviço Social “tem em seu núcleo o reconhecimento da liberdade como valor ético central – a liberdade concebida historicamente como possibilidade de escolher entre alternativas concretas; daí um compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais.” (Netto, 1999, p. 104).

Vale dizer que o Serviço Social desempenha somente um papel na mediação desse processo de emancipação. Isso significa que as/os assistentes sociais auxiliam na promoção de condições que podem levar à emancipação, mas não são os únicos responsáveis por ela, pois a mesma está profundamente ligada ao acirramento da luta de classes. Dessa maneira, estratégias de enfrentamento para alcançar tais objetivações devem fazer parte da discussão quando se trata de exercício profissional.

## **1.2 Função social e politização da arte na Estética**

Em torno da discussão no campo teórico da Estética, duas perspectivas sobre a natureza da arte são colocadas em pauta. A primeira defende o Esteticismo, no qual a verdadeira arte seria pura, desvinculada das circunstâncias históricas, sociais, econômicas e

políticas, abraçando a ideia de "arte pela arte", bem exemplificada pelo romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, publicado na era vitoriana. O Esteticismo é a apologia da estética sem base material, da contemplação “pura”, da abstração que não se funda em qualquer construção consciente do sujeito, como se pode observar abaixo:

Mas a beleza, a verdadeira beleza, acaba onde principia a expressão inteligente. A inteligência em si é uma espécie de exagero; desmancha a harmonia de qualquer rosto. A partir do instante em que nos metemos a pensar, vamos ficando só olhos, ou só testa, ou qualquer outro horror. (Wilde, 2014, p. 16)

No movimento de “arte pela arte” (*l'art pour l'art*), o qual surgiu entre 1830 e 1870 na França, existe o divórcio entre o artista e o meio social, pois aqueles recusam a arte como instrumento para a educação, considerando-a um fim em si mesma. Dessa maneira, a busca incessante pela autonomia e pureza da arte é a sua maior preocupação.

Os artistas do Esteticismo acreditavam que o papel do artista era transcender as preocupações mundanas. Através desta perspectiva, pode-se compreender que esta corrente foi permeada pelo caráter do escapismo, já que parecia ignorar as questões sociais e políticas da época em prol da busca da beleza, da reeducação dos sentidos e do prazer estético.

No entanto, para os adeptos, essa era precisamente a sua intenção: separar a Arte do compromisso com causas externas e permitir que ela fosse apreciada por sua própria essência. O que não impossibilita entender que tais intenções demonstram total incapacidade de ir para além do individualismo e o completo prazer em permitir que suas obras estejam, de maneira ultraje, reféns da mercadorização, sem sequer estabelecer algum senso de humanidade. A "beleza" em suas obras, ou seja, a qualidade estética, não é o único fator que devem torná-las relevantes. É necessário que haja um conteúdo ideológico sólido que sustente essa beleza.

A segunda perspectiva argumenta que o valor artístico deriva do compromisso crítico com as circunstâncias presentes, comumente chamada de "arte engajada" ou arte politizada. Nesse caso, os artistas assumem uma postura ativa na sociedade, o que significa buscar transformá-la e denunciar sobre as injustiças e opressões do momento hodierno. Um grande analista mostra inclusive facetas distintas desta perspectiva, com o que observa que estas são permeáveis também a possibilidades de manipulação:

Na época de Homero, a Humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos, agora ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como único prazer estético de primeira ordem. Eis a estetização da política,

como pratica o fascismo. O comunismo responde com a politização da arte. (Benjamin, 2017, p. 14)

Lukács (2011) discute sobre como a arte é uma maneira ou forma de reflexo da realidade. Ao sugerir que o fazer artístico produz um tipo de conhecimento que antropomorfiza, ou seja, humaniza a compreensão do mundo pelo homem, ele também atesta que a peculiaridade da reflexão estética, para além da sua qualidade antropocêntrica, é a capacidade de alcançar a unidade de elementos aparentemente contraditórios da realidade em sociedade.

A “grande arte” é pautada pelo filósofo como a busca por representar a realidade de forma que desvende contradições entre aparência e essência, particular e universal, e imediato e conceitual. Isso é feito criando uma impressão imediata e unificada que aparenta ser natural para o espectador. Assim, a obra de arte reflete a realidade objetiva e é interpretada pelo receptor com base em suas próprias experiências.

O capitalismo, por meio inicialmente das leis do mercado e posteriormente da manipulação das consciências, e da conjunção dos dois movimentos, tende a aplicar essa racionalidade parcial, formalista, também à vida social. Trata-se de uma tendência espontânea, paralela à fetichização de todas as relações humanas no quadro da sociedade burguesa. (Coutinho, 2010, p. 52). A “miséria da razão”, em seu puro estado empobrecido, imediatista e formalista, tende a negar a essência do real.

O espetáculo de auto-alienação recolhe tudo o que toca e transforma em algo que apenas provoca uma reação superficial ou imediata, como se fosse uma mera atração ou estímulo. O espetáculo retira o conteúdo ou a substância real daquilo que está exibindo, tornando-o vazio de significado verdadeiro. Por fim, o espetáculo diminui ou reduz a qualidade da experiência, impedindo que as pessoas vivenciem algo de forma genuína e profunda.

A partir do debate de Marx no livro I d'O Capital sobre a alienação, Gyorgy Lukács foi o primeiro a cunhar o termo de "reificação" para descrever como as relações sociais nas sociedades capitalistas tornam-se coisas ou mercadorias, apresentando a ideia de alienação. Ao propor que o racionalismo iluminista, movimento democrático-revolucionário da burguesia na Revolução Francesa, contribuiu para a reificação ao promover uma visão instrumental e calculada do mundo, ele atesta que tudo foi reduzido a sua utilidade e ao valor de troca. Diante disso, é possível notar grande influência da frase clássica de Marx nos

*Manuscrítos econômico-filosóficos*: “A desvalorização do mundo humano aumenta em proporção direta com a valorização do mundo das coisas”.

A objetificação da razão no iluminismo destaca como a razão foi transformada em uma ferramenta neutra e desvinculada de sua base social. Lukács argumenta que essa objetificação da razão contribuiu para a alienação, pois as pessoas passaram a ver a razão como algo externo a elas mesmas, perdendo a capacidade de compreender e transformar as estruturas sociais que as oprimiam.

O racionalismo iluminista, ao buscar a aplicação puramente técnica da razão, contribuía para essa alienação. Lukács não rejeitou completamente o racionalismo iluminista, no entanto, a crítica acerca deste tipo de racionalismo consiste na sua aplicação acrítica e descontextualizada na sociedade capitalista, visto que isso contribuiu concomitantemente como um instrumento a favor da lógica do capital, tendo a alienação e a reificação como pilares.

No contexto do "anticapitalismo romântico", Lukács referia-se a certas tendências literárias que surgiram nos séculos XVIII e XIX, especialmente durante o período romântico. Ele argumentava que, embora esses escritores houvessem expressado críticas ao capitalismo, suas abordagens eram frequentemente idealistas e baseadas em uma visão romântica do passado, em oposição a uma análise concreta das contradições sociais.

Coutinho (2010, p. 50) fala da “conversão do excesso de subjetivismo e recusa da razão em conformismo real”. O processo fetichizador se dissemina por formas particulares do mundo capitalistas, as quais só existem quando submetidas a este sistema, são transformadas pelo anticapitalismo romântico em “condição eterna do homem”.

Para Coutinho (2010), Lukács acreditava que o anticapitalismo romântico comumente falhava em compreender as estruturas sociais subjacentes. Ele se concentrava em uma nostalgia por um passado idealizado, bem como estabelecia uma ideia de superioridade humana, com aversão à cotidianidade “vulgar”. Ele via essa abordagem como inadequada para uma verdadeira compreensão da sociedade capitalista e defendia uma abordagem mais crítica e dialética, como a oferecida pelo materialismo histórico.

A exemplo disso, Lukács (2011) via em Friedrich Nietzsche um exemplo fatídico de um anticapitalista pelos motivos equivocados. Para ele, Nietzsche propõe uma visão de mundo que pode ser instrumentalizada para justificar regimes autoritários e desigualdades sociais, visto que foi interpretado e apropriado por figuras e regimes fascistas. Lukács vê o pensamento de Nietzsche como uma análise de limitações significativas, visto que se concentra em efeitos superficiais do capitalismo e adota uma perspectiva que é mais romântica do que focada na luta de classes. Sua crítica é focada na classe dominante e no

impacto do capitalismo na cultura, sem explorar as dinâmicas econômicas subjacentes ou a relação entre classe social e cultura de forma mais profunda.

Como resposta a isso, Lukács (2023) propõe que a obra de arte funcione como um espelho da realidade objetiva. Quem a observa entende o "mundo" apresentado na obra como um reflexo da realidade e o compara com suas próprias experiências pessoais. A arte consegue unir aspectos complexos e contraditórios em uma apresentação que faz sentido para o espectador.

Benjamin (1994), levanta o conceito de "inconsciente ótico" que dar-se-á por meio da percepção e experiência estética, as quais ocorrem de forma subliminar e instantânea, sem a mediação da consciência racional. Segundo Benjamin, a fotografia captura não apenas o que é visível, mas também aspectos inconscientes e subliminares da realidade. Ela desvela e potencializa o olhar sobre o mundo sensível.

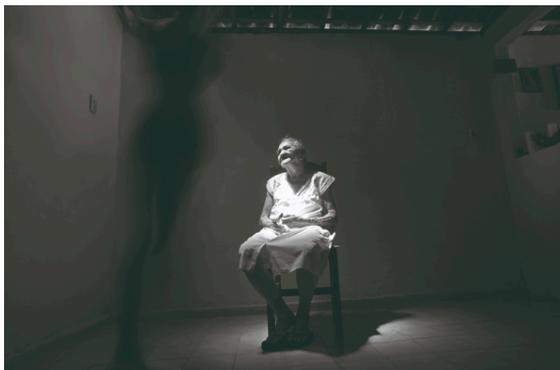
A câmera fotográfica tem a capacidade de congelar detalhes e momentos fugazes que escapam à percepção consciente, revelando aspectos ocultos da experiência visual. Esses detalhes geralmente passam despercebidos no momento da captura da fotografia, mas emergem quando a imagem é observada e examinada mais detalhadamente, o que a torna uma ferramenta poderosa para a análise crítica e a compreensão da cultura e da sociedade.

**Figura 1** – Congelamento de detalhes, *Mãe e filhas moradoras de palheiros*.



Fonte: <https://www.premiopipa.com/2012/05/joao-roberto-ripper-nova-pagina/>

**Figura 2** – Neta dança pra Avó em Ponta Negra, Natal, RN.



Fonte: <https://www.premiopipa.com/2012/05/joao-roberto-ripper-nova-pagina/>

As fotografias acima (Figura 1 e Figura 2) buscam um olhar comum e demonstra sensibilidade ao congelar um momento universal de lazer entre figuras maternas e filhas. Ao analisá-las por mais frações de segundo, elas ordenam as emoções cotidianas, anteriormente desordenadas, ao reproduzir o afeto evidenciado na interação entre a mulher e as crianças em um ambiente extremamente pauperizado, o palheiro; o que explicita as contradições sociais e ressalta a emoção do afeto materno.

Marx e Engels exigiam dos escritores do seu tempo, por conseguinte, que - mediante a caracterização dos seus personagens - tomassem apaixonadamente posição contra os efeitos perniciosos e enaltecedores da divisão capitalista do trabalho e colhessem o homem na sua essência e na sua totalidade. E exatamente porque percebiam na maior parte dos seus contemporâneos a falta dessa aspiração à integralidade, do anseio pela totalidade, da orientação para o essencial, consideravam-nos epígonos sem importância. (Lukács, 2011, p. 99)

De acordo com Benjamin (2017), em relação à autonomia do artista, três alternativas para a produção artística são destacadas. Uma delas defende a liberdade e imparcialidade da(o) artista, enquanto a segunda sugere que ela deve servir aos interesses da burguesia. Por fim, há a ideia de que os artistas devem tomar o partido do proletariado, com a primeira alternativa sendo, prontamente, conivente com a segunda. Não tomar partido do proletariado, portanto, é, independentemente, um caminho comprometido com o *status quo*.

Nenhum grande escritor pode permanecer indiferente diante das contradições sociais; e, sem tomar apaixonadamente posição em face de tais questões, não será possível criar tipos autênticos, com o que não terá lugar o verdadeiro realismo. Sem essa tomada de posição, o escritor jamais poderá distinguir entre o essencial e o não-essencial. Do ponto de vista da totalidade do desenvolvimento social, a possibilidade de efetuar uma distinção justa é

vedada àquele que não se entusiasma pelo progresso, que não detesta a reação, que não ama o bem e não repele o mal. (Lukács, 2011, p. 112)

Tal perspectiva foi posteriormente levantada por Lukács, o qual possuiu o papel de introdutor de Walter Benjamin ao marxismo com *História e consciência de classe*, através de indicações de Asja Lācis.<sup>4</sup> “A tarefa exclusiva da arte é a de tomar posição nas lutas de seu tempo, da sociedade, das classes sociais; de favorecer a vitória social de uma determinada tendência, a solução de um problema social. Tudo que ultrapasse esta finalidade já pertence à arte pela arte.” (Lukács, 1967, p. 159).

**Figura 3** – Auto retrato de *Asja Lacis*, atriz, diretora e militante da esquerda revolucionária.



**Fonte:** <https://www.machina-deriveapprodi.com/post/asja-lacis-l-arte-e-la-rivoluzione>

Gramsci (2001), como materialista, argumenta que a cultura, entendida por ele como *civiltá* (modo de vida, sentir, pensar e agir), tem suas raízes na base econômica e nos métodos de trabalho. Para o intelectual, os métodos de trabalho estão intrinsecamente ligados a um determinado modo de vida, pensamento e sentimento, de modo que o sucesso em um campo está diretamente relacionado aos resultados alcançados nos outros.

“A conquista do Estado pelas classes subalternas representa um momento em que essas classes, tendo já superado os interesses econômico-corporativos, alcançam uma homogeneidade entre infraestrutura e superestrutura” (Abreu, 1996, p. 392) Desse modo, torna-se imprescindível reelaborar o princípio educativo e cultural na relação entre a

<sup>4</sup> Benjamin se apaixonou por Asja Lacis, uma dramaturga letã bolchevique um ano mais velha que ele, a qual o mesmo dedicou seu livro *Rua de mão única* (1927), representando a importância dela para introduzi-lo à literatura marxista, sobretudo aos escritos de Lukács. Lacis participava ativamente de um teatro como prática emancipatória, de exercício coletivo/político de criação e expressão, que objetivava o bem-estar psicofísico do grupo e a promoção da educação de operários e crianças órfãs de guerra, na Rússia do início do século XX.

construção de um novo padrão produtivo e a organização de uma nova ordem intelectual e moral pelas classes subalternas. Sobretudo, analisar a Arte como componente da sociabilidade humana e seu lugar na sociedade capitalista.

### **1.3 A reprodutibilidade técnica e a “perda da aura” no pensamento benjaminiano**

Benjamin (2023) aborda a relação entre cinema, capitalismo e a representação da classe trabalhadora, destacando uma crítica à forma como o cinema é utilizado e explorado na sociedade capitalista, especialmente na Europa Ocidental, em contraste com práticas cinematográficas na Rússia. O autor argumenta que, comumente, na Europa Ocidental, o capitalismo influencia fortemente a produção cinematográfica. A exploração capitalista proíbe a observação do direito legítimo que o homem contemporâneo tem de ser fielmente representado. Além disso, desfruta de estratégias para desviar o interesse autêntico das massas.

Em vez de permitir que o cinema reflita genuinamente a vida e as condições do proletariado, a indústria promove representações ilusórias e aspectos superficiais, desvirtuando o interesse original das massas pelo cinema, que seria o autoconhecimento e a consciência de classe. A indústria cinematográfica, assim, manipula e desvia o verdadeiro potencial do cinema para representar a realidade da classe trabalhadora.

Benjamin reconhecia o potencial do cinema para democratizar a arte ao torná-la acessível a um público mais amplo. A reprodução técnica pode permitir que mais pessoas experimentem a arte, rompendo a exclusividade das instituições culturais tradicionais. No entanto, o estudioso também via o cinema como uma forma de alienação. Ele acreditava que a distância entre o espectador e o produtor da obra poderia levar à perda de experiência cultural e tradição, transformando a arte em um produto consumível em massa e alienado.

A indústria cinematográfica tem todo interesse em estimular a participação das massas por meio de representações ilusórias e de especulações ambíguas. Para esse fim, ela pôs em movimento um poderoso aparato jornalístico: ela colocou a carreira e a vida amorosa das estrelas a seu serviço, ela realizou plebiscitos, organizou concursos de beleza. Tudo isso para falsificar e corromper o interesse original e justificado das massas pelo filme - um interesse do autoconhecimento, e portanto também do conhecimento de classe. (Benjamin, 2023, p. 83)

O pensamento benjaminiano também é centralizado na crítica e no diagnóstico dos métodos fascistas. O autor marxista inicia uma preocupação em recusar conceitos levantados

e sustentados pelo fascismo, a exemplo do “mito do gênio”, da “obra prima”, do artista como um ser dotado de magia. O conceito de “aura” é fundamental na crítica de Benjamin. Ela refere-se à qualidade única e inimitável de uma obra de arte que a torna singular e a distingue de outras cópias. Essa aura confere ao artista uma posição de privilégio e separação das preocupações comuns.

A “perda da aura” indica maior aproximação da arte com a sua politização, visto que assume uma nova forma radical de como as pessoas experienciam a arte e a realidade. “No momento, porém, em que o critério da autenticidade fracassa na produção artística, a totalidade da função social da arte é transformada. No lugar de sua fundação sobre o ritual, esta deve fundar-se em outra práxis, a saber: a política.” (Benjamin, 2023, p. 62). Isso se dá a partir da sua reprodução em massa, possibilitada pelos avanços tecnológicos, os quais desestabilizam valores e formas tradicionais. A morte da dita “aura”, significa que a obra se tornará mais acessível, mas perca a sua qualidade singular e a ligação direta com seu contexto original. Não há mais distanciamento com o público, tampouco uma aura revestida de valor de culto por trás.

[...] a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar o indivíduo da obra, seja sob a forma de fotografia, seja do disco. A catedral abandona seu lugar para instalar-se no estúdio de um amador; o coro, executado numa sala ou ao ar livre, pode ser ouvido num quarto. (Benjamin, 1994, p. 168)

Em contraste com a visão tradicional, Benjamin propõe que o artista deve ser visto como um "autor como produtor". Isso significa que o artista deve se envolver não apenas na criação de sua arte, mas também nas condições materiais e sociais que possibilitam essa criação. Em outras palavras, o artista deve participar ativamente na produção das condições que permitam a realização e a disseminação de sua arte. Os artistas precisam reconhecer as estruturas de poder que influenciam como a cultura é produzida e, em resposta, procurar maneiras de desafiar e mudar essas estruturas. Lê-se engajar-se nos movimentos e criar obras que questionem as normas existentes, bem como buscar novas maneiras de distribuir o acesso a arte, de modo que promovam maior democratização cultural.

Para Benjamin (2023), a reprodução da técnica aproximou o indivíduo da obra, ele explorou como o cinema transforma a experiência estética. A técnica cinematográfica altera a forma como a arte é percebida, destacando o papel do espectador e a influência do meio na experiência estética. O cinema tem a capacidade de alterar a percepção do tempo e do espaço e criar novas formas de interação com a arte.

O estudioso nutria bastante estima por Bertold Brecht, escritor e diretor de teatro. No entanto, na década de 1930, o debate Brecht-Lukács ficou marcado por ambos compartilharem o viés da importância da arte para a reflexão social e política, não obstante, divergiam em como essa função deve ser realizada e no grau de envolvimento direto com questões políticas.

Brecht, como artista inserido no mundo do teatro, tem uma compreensão interna do processo criativo. Para ele, a experimentação artística, incluindo a experimentação com a forma, é crucial para a inovação e para a eficácia da arte em promover a reflexão crítica e a mudança social. Brecht vê a arte como um espaço para testar novas abordagens e formas, e ele considera que o processo criativo pode envolver sucessos parciais e fracassos. Ele pretende gerar choque, reflexão, a partir de uma dinâmica que chame a participação popular para a peça.

Por isso, Lukács, em oposição, possui uma visão mais normativa e teórica da arte. Ele estabelece padrões rígidos para a arte, focando na sua capacidade de refletir mudanças sociais e históricas significativas. Sua definição normativa não deixa muito espaço para a experimentação que leva a sucessos parciais ou fracassos. Lukács tende a rejeitar formas artísticas que considera não atenderem a esses padrões. Para ele, a arte deve refletir a realidade de forma profunda e significativa, e a experimentação que não contribui para essa reflexão é vista com desconfiança.

Por outra parte, as suas divergências com Brecht ficaram evidentes - divergências que, por algum tempo, sem que o respeito mútuo se perdesse, fizeram estremecer as suas relações; mas, pouco depois, o afeto entre ambos se restabeleceu. E, a pedido da companheira de Brecht, Lukács foi um dos que usaram da palavra na cerimônia fúnebre do grande dramaturgo. (Netto, 2023, p. 37)

Benjamin (2023) levanta a pauta de como cinema poderia ser utilizado para fins políticos e ideológicos. Ele observou que o fascismo empregava o audiovisual como um meio eficaz de propaganda e controle das massas, moldando a percepção pública e reforçando o *status quo*. O audiovisual, sob regimes totalitários, era usado para manipular a opinião pública e consolidar o poder, ao invés de promover uma verdadeira democratização ou reflexão crítica.

Um fatídico exemplo no atual contexto brasileiro é a plataforma e produtora audiovisual ultraconservadora, *Brasil Paralelo*<sup>5</sup>, que reúne (des)serviços travestidos de

---

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/>

conteúdo artístico e educativo. Com total suporte de reacionários, é a plataforma “independente” mais consumida e divulgada entre esses grupos quando se trata de séries, filmes, documentários, e-books, artigos, notícias, entrevistas e podcasts. Sem nenhum cunho científico, tudo que é publicado é disseminado rapidamente entre a extrema-direita. O objetivo geral, a partir da lógica deles, é “resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros.”

Dentro desse espectro tão amplo como complexo, a adjetivação dos valores a serem resgatados como "bons" já explicita o descompromisso com qualquer ideia de imparcialidade ou independência ainda que se valham oportunamente desse artifício retórico – bem como a tentativa de cristalizar no senso comum as suas próprias perspectivas da realidade, visando a construir a hegemonia da extrema-direita na atual guerra cultural. Clamando não aderir a relativismos, afirmam batalhar pela redenção de somente daquilo que é "bom" e que contribui para uma leitura "correta" do Brasil, não se furtando em se apropriar de noções com forte viés revolucionário, como a arte e a liberdade, para torná-la instrumentos de novos aprisionamentos morais a serviço do capital. (Salgado, 2021, p. 730)

**Figura 4 – Imagem capturada da plataforma “Brasil Paralelo”.**



**Fonte:** Captura de tela própria.

A produtora Brasil Paralelo é a empresa que mais gastou em anúncios na Meta, dona do Facebook e Instagram nos últimos quatro anos. A Meta disponibiliza todos os anúncios veiculados na plataforma que envolvam temas sociais, eleições ou política desde 2020. Desde 4 de agosto de 2020 até 15 de março de 2024, o Brasil Paralelo gastou R\$22.231.465,00 na Meta. (Fórum, 2024)

Konrad Scorciapino, ex-engenheiro de software do banco Nubank, é um dos principais diretores da plataforma. Foi denunciado pela Agência Pública e pela The Intercept por ser um

dos fundadores do 55chan<sup>6</sup>. Sendo este um fórum baseado em *doxxing*<sup>7</sup>, manipulação de imagem, discriminação racial e pornografia infantil, era respaldado pelos seus crimes digitais sob o julgo da “liberdade de expressão” e por ser contra qualquer proposta revolucionária de esquerda. Esta é uma das muitas amostras do fascismo se apropriando da arte. A sistematização da Brasil Paralelo baseia-se nos seguintes tópicos: O viés na escolha de quem fala e na apresentação dos dados, crenças neoliberal-conservadoras, desacreditação das instituições, cientificismo e publicidade; por fim, o alinhamento com a nova direita.

A partir disso, reconhecemos que a extrema-direita está se apropriando de diversas formas de reprodução em massa, seja on-line ou nas ruas, para intensificar ainda mais seus avanços. “A ideia de marxismo cultural é, de fato, o grande inimigo contra o qual a Brasil Paralelo parece lutar.” (Salgado, 2021, p. 734). A(o) assistente social, como profissional que atua a partir de determinações da “questão social”, ou seja, da contradição entre burguesia e proletariado, urge levantar a pauta da apropriação da nova direita no que tange à cultura e a arte e resgatá-las, visto que estas sempre foram fulcrais para as estratégias de enfrentamento desenvolvidas pela esquerda brasileira, sobretudo no Brasil.

Gramsci, para Marcellino (2024), acredita que é essencial que os intelectuais se conectem de maneira orgânica e profunda com o povo. Isso significa que a influência e o trabalho dos intelectuais não devem estar distantes ou separados da realidade vivida pelas massas. A nova cultura que surge deve ser acessível e difundida amplamente, não apenas restrita a uma elite intelectual. Deve ser compartilhada e discutida criticamente com as massas.

A mundialização financeira [...] espraia-se na conformação da sociabilidade e da cultura, reconfigura o Estado e a sociedade civil, redimensionando as lutas sociais. O resultado tem sido uma nítida regressão aos direitos sociais e políticas públicas correspondentes, atingindo as condições e relações sociais, que presidem a realização do trabalho profissional. (Iamamoto, 2008, p. 21)

Na atual conjuntura político-cultural, a escassez de políticas públicas, a banalização da vida, os dilemas da vida do trabalhador são elementos constantemente atenuados pela lógica capitalista, na qual os veículos de comunicação se tornam alvo de grande influência e perpetuação dessa alienação. Aspectos fundamentais da existência humana se tornam comuns,

---

<sup>6</sup> O 55chan teve seu lançamento em meados de 2007, com a intenção de desenvolver um conjunto de fóruns virtuais frequentados por internautas radicais de direita. Era comumente utilizado para se publicar injúrias étnico-raciais e promover a discriminação de gênero, bem como organizar ataques virtuais em massa (raids) e disseminar ideias coniventes com tragédias como a do Massacre de Suzano, sem sequer deixar qualquer registro.

<sup>7</sup> “Doxxing” é o ato de revelar publicamente informações pessoais de uma pessoa sem o seu consentimento. Ele pode ter consequências graves, a exemplo de assédio, ameaças ou até mesmo violência física. É amplamente condenado por sua natureza invasiva.

sem a devida consideração ou valorização, o que inclui a perda de sentido nas relações sociais, a desumanização das pessoas e a normalização de condições de vida precárias.

A Brasil Paralelo molda a realidade a partir dos seus interesses ideológicos, balizados por revisionismos que visam a forjar o “lado certo da história” e pela racionalidade instrumental neoliberal. Atua, assim, como um modelador dos comportamentos e das emoções, prescrevendo ideais de conduta, criando sentidos próprios para os acontecimentos, produzindo visibilidades, deturpações e simplificações, priorizando certos enunciados e silenciando outros. (Salgado, 2021, p. 73)

A aparência superficial e atraente do capital esconde o seu processo interno brutal, desumanizador e problemático que está por trás de sua estrutura e criação. Dessa forma, entende-se que é necessária a colaboração entre intelectuais e o povo, tendo em vista que esta é crucial para a mudança cultural e social. A reforma intelectual e moral deve ser baseada na interação entre teoria e prática, e que a criação de uma nova cultura deve envolver a participação ativa de todos.

## CAPÍTULO II

O segundo capítulo traz uma linha do tempo de uma parcela engajada politicamente das produções culturais brasileiras e seus impactos sociais, com a intenção de explorar a relação entre arte e política no contexto brasileiro. O capítulo parte do entendimento de que a cultura no Brasil tem sido historicamente influenciada por fatores sociais, políticos e econômicos – sob os conhecimentos de Carlos Nelson Coutinho – o que reflete tanto as contradições da sociedade quanto nas suas possibilidades de resistência.

### **2.1. De Lima Barreto à Tropicália: Produções culturais brasileiras e seus impactos**

As produções culturais brasileiras têm um impacto profundo e multifacetado, refletindo a diversidade e complexidade do país e influenciando a identidade nacional, a economia, a sociedade e o cenário global. Elas não apenas celebram e preservam as tradições culturais, mas também enfrentam e discutem problemáticas e entraves políticos, tendo em vista que promove uma maior consciência crítica e contribuindo para a construção de uma sociedade mais engajada nas discussões sócio-políticas.

Carlos Nelson Coutinho, um dos principais intelectuais da tradição marxista no Brasil, discute a influência da colonização europeia na formação cultural na conjuntura brasileira. Ele acredita que a literatura brasileira deve refletir a autenticidade cultural do país, integrando suas raízes populares e regionalistas. Em suas ideias, aponta-se como a cultura europeia se tornava universal; bem como é salientado que a penetração da cultura europeia no Brasil foi tão intensa que não encontrou resistência prévia, pois não havia uma identidade cultural consolidada na literatura que pudesse se opor a ela.

Mesmo durante o período colonial, quando o modo de produção ainda não era capitalista, as classes fundamentais da sociedade brasileira encontravam suas expressões ideológicas e culturais na Europa. Nesse contexto, a imitação da cultura europeia no Brasil não foi apenas uma cópia superficial, mas sim um processo de integração e incorporação à cultura ocidental, que era vista como um modelo a ser seguido.

Essa imitação não representava apenas uma falta de originalidade, mas sim uma manifestação da constante tendência da cultura brasileira em valorizar e adotar os padrões europeus como referência cultural. Essa reflexão evidencia como a colonização europeia moldou profundamente a identidade cultural brasileira e como a influência europeia foi, infelizmente, influente na formação da cultura nacional.

O conceito leniniano de "via prussiana" refere-se à ideia de que a passagem ao capitalismo, em certos países, como a Rússia, ocorreu de maneira diferente das "vias clássicas". Ao contrário dessas, na "via prussiana", a entrada tardia no capitalismo conserva elementos do pré-capitalismo. Coutinho (2011) amplia esse conceito; em termos de arte revolucionária, ele traz um apanhado de autores da literatura brasileira que fazem oposição à chamada "via prussiana".

O modo prussiano, segundo o célebre intelectual, causa um abafamento da participação popular. A mesma objetiva uma revolução passiva que "transforma" pelo alto, que foi e continua sendo a base dos processos de mudança na formação social brasileira. Este fato dificulta a possibilidade de desenvolvimento de consciência crítica nacional-popular na sociedade brasileira, visto que não se realizava mais uma revolução liderada por uma revolta ou movimento revolucionário ativo da classe trabalhadora. Com isso "[...] implicou o empobrecimento e a desmobilização política dos trabalhadores: contribuiu para a crise dos partidos e das entidades de classe dos trabalhadores, e, como o fim das experiências socialistas, para que a apologética capitalista propagasse o seu triunfo, anunciando o fim da história." (Barroco, 2011, p. 207).

No contexto brasileiro, Coutinho (2011) defende que a "via prussiana", para o capitalismo, teve profundas consequências para a intelectualidade. Uma dessas consequências foi o desenvolvimento de uma tendência denominada de "intimismo à sombra do poder".<sup>8</sup> Essa tendência se caracteriza pelo afastamento dos intelectuais brasileiros da realidade nacional-popular, fato este que favorece um isolamento em relação às questões sociais e políticas do país. Em períodos de grande desigualdade social e estigma associado ao trabalho, os intelectuais, geralmente oriundos da classe média, utilizavam a cultura como um meio de diferenciação e ascensão social, o que os distanciava da realidade concreta do povo brasileiro.

Essa separação entre a intelectualidade e a realidade nacional-popular era agravada pelo fato de muitos intelectuais dependerem de empregos no aparato burocrático do Estado para sua subsistência. Para Coutinho (2011), na literatura brasileira, essa tendência se manifesta tanto no romantismo quanto no naturalismo. No romantismo, ela serve como uma forma de escapismo, ocultando as contradições essenciais da realidade ou abordando apenas

---

<sup>8</sup> Coutinho (2011) diz que o "intimismo à sombra do poder" é caracterizado por um subjetivismo extremado que coloca os indivíduos excepcionais como as únicas forças da história, por um lado, e por um fatalismo pseudo-objetivo que minimiza o papel da ação humana na criação histórica, por outro. Esses preconceitos, originados da influência da "via prussiana", resultam respectivamente no romantismo e no naturalismo na esfera estética. O autor destaca que essas tendências antirrealistas persistiram ao longo da história cultural brasileira, refletindo a permanência do modelo prussiano na evolução do país e indicando uma certa resistência à abordagem realista e comprometida com a transformação social.

questões privadas e superficiais. Já no naturalismo, mesmo que tenha surgido como um protesto, ele eventualmente transformou-se em conformismo.

Muito embora esta realidade, as limitadas transformações sociais, políticas e econômicas que vão constituindo o processo histórico nacional não são e nem poderiam ser harmônicas. Criam, e tinham que criar, espaços de contra-tendência, que em dados momentos e em alguma medida vão semear solos férteis para a construção de tendências culturais opostas à hegemonia burguesa. A citação abaixo revela alguns destes representantes da arte nacional que operam importantes rupturas com as históricas características da arte no Brasil:

Os dedicados a [estudar] Lima Barreto, Graciliano Ramos e Jorge Amado, além de analisar algumas determinações gerais de nossa evolução literária, tentam mostrar como a grandeza das formas romanescas criadas pelos escritores resulta, com grande pane, do fato de que tais formas simbolizam não [só] os impasses humanos provocados por esse modo perverso de modernização, mas também os impulsos orientados no sentido da criação de modos alternativos de vida e de organização social. (Coutinho, 2011, p. 11; acrescentamos)

O trecho abaixo aborda a posição de Lima Barreto na literatura brasileira e como sua obra muitas vezes foi ignorada e desvalorizada em períodos em que predominava uma visão formalista ou esteticista da arte. Durante esses momentos, a obra de Lima Barreto era menosprezada, com críticas que sugeriam que ele não dominava as técnicas específicas da escrita.

Nas épocas em que floresce uma visão formalista ou esteticista da arte, desce sobre a obra do romancista um absoluto silêncio, interrompido apenas pelas desdenhosas afirmações de que ele desconheceria os "instrumentos específicos da escrita". Isso não é de modo algum casual. Lima Barreto não pode ser "reinterpretado", ou seja, mutilado ou empobrecido a fim de servir aos propósitos das correntes esteticistas ou reacionárias no campo da literatura; o inequívoco caráter realista e democrático-popular de sua obra se impõe com tal evidência, de modo tão absolutamente insofismável, que os cultores brasileiros do esteticismo só podem reagir diante dela com o silêncio ou a mistificação. (Coutinho, 2011, p. 90)

Essa atitude, segundo o autor do texto, não é acidental. Ele argumenta que Lima Barreto não pode ser reinterpretado para se ajustar aos propósitos das correntes esteticistas ou reacionárias na literatura. Isso porque a obra de Lima Barreto possui um caráter inequivocamente realista e democrático-popular, que se destaca de forma tão evidente que os defensores do esteticismo no Brasil não conseguem lidar com ela senão com o silêncio ou com a tentativa de mistificá-la.

Essa passagem ressalta a importância da obra de Lima Barreto como representante de uma visão literária que vai além das preocupações puramente estéticas, tendo em vista sua abordagem das questões sociais, políticas e humanas com profundidade e comprometimento.

A Arte seria uma simples álgebra de sentimentos e pensamentos se não fosse assim, e não teria ela, pelo poder de comover, que é um meio de persuasão, o destino de revelar umas almas as outras, de ligá-las, mostrando-lhes mutuamente as razões de suas dores e alegrias, que os simples fatos desarticulados da vida, vistos pelo comum, não têm o poder de fazer, mas que ela faz, diz e convence, contribuindo para a regra da nossa conduta e esclarecimento do nosso destino.<sup>9</sup>

É importante destacar que, além disso, também critica a tendência de subestimar ou tentar marginalizar obras que não se encaixam nos padrões estabelecidos pela crítica literária dominante, a qual possui fortes influências eurocêntricas.

Coutinho (2011) também analisa as obras do escritor baiano Jorge Amado. Nesta análise é apontada a simpatia do autor pelo povo brasileiro e sua representação realista das resistências populares. Uma forma de resistência do povo que ele aponta é a afirmação de seus próprios valores culturais e simbólicos contra a marginalização e repressão impostas pelas classes dominantes.

O autor diz que “apesar de às vezes aceitar acriticamente os preconceitos presentes nas camadas populares, Jorge Amado mostra, por meio de recursos estéticos, que o povo brasileiro não é uma massa amorfa manipulável, como muitos elitistas argumentam, mas sim um corpo social vivo e complexo, capaz de se tornar o protagonista das transformações sociais, políticas e culturais do país.” (Coutinho, 2011, p. 199).

Dentre outras figuras da literatura brasileira, está Clarice Lispector, que incessantemente buscou aprofundar-se na compreensão da essência humana. A mesma trouxe um legado que transcende as palavras e perdura como um farol de inspiração. A autora beira a ser como uma bússola mais do que apropriada para a exploração dos mistérios mais profundos do ser. A exploração única da feminilidade e da existência humana em suas obras se tornou um terreno fértil para a criticidade de estereótipos e a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, bem como as questões de gênero permeiam a vida cotidiana.

Em uma de suas passagens em *A hora da estrela*, Clarice Lispector não esconde críticas à reificação e à banalização do mundo. “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar essa moça entre milhares dela. E dever meu, nem que seja de pouca

---

<sup>9</sup> BARRETO, Lima, Feiras e Mafuás. In: *Obra Completa*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 39.

arte, o de revelar-lhe a vida.” (Lispector, 2017, p. 49) A partir de suas personagens, a exemplo de Macabéa, a autora deixa explícita a contradição entre o contexto de subalternidade da protagonista e a insignificância disto ao se deparar com as influências das imposições do sistema capitalista, conforme pode ser observado abaixo:

[...] sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e quem por isso paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. Aliás, foi ele quem patrocinou o último terremoto na Guatemala. Apesar de ter gosto do cheiro do gosto de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. (Lispector, 2017, p. 57).

A autora prezava pela intenção de fazer o seu público sair de si mesmo e ser o outro. Seu último livro foi marcado por uma força maior dentro de si que almejava tornar claro quem era uma simples jovem nordestina, a qual mal sabia o nome. Deu-lhe o nome de Macabéa. A personagem, em situação de subemprego, comumente desculpava-se por ocupar espaço, era profundamente afetada pela reificação, pelos processos mercadológicos que atrofiam as relações sociais na realidade e no universo da obra. Seu mundo íntimo tornou-se tão embargado pelas imposições que até mesmo questionava-se sobre o seu próprio nascimento. Se deveria, dolorosamente, de fato, ter nascido.

Há os que têm. E há os que não tem. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o que? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio? (Lispector, 2017, p. 59)

Clarice Lispector, de forma singular e profunda, pôs em sua literatura a capacidade de permitir ao público contemplar diante dos próprios olhos a intensidade da alienação na vida cotidiana a partir de Macabéa. Havia um sentimento de inferioridade e injustiça social dentro de si, mas isso era substituído pelo vazio e falta de identidade proporcionada pelos efeitos das mazelas sociais as quais ela vivia.

Em um dos trechos, a mesma se depara com um livro de título “Humilhados e ofendidos”. A partir disso, a escritora indaga a presença do conformismo mecanicista<sup>10</sup> na vida da personagem quando escreve: para que lutar? “Ficou pensativa. Talvez tivesse pela

---

<sup>10</sup>O conformismo mecanicista, sob a luz de Abreu (2011), é caracterizado por uma visão determinística da sociedade, na qual as pessoas se enxergam meramente como engrenagens de uma máquina pré-determinada. Ao agir de acordo com papéis predefinidos, poupa-se de revoltar-se com o sistema como um todo, tampouco carece de se reconhecer como um ser oprimido.

primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar.” (Lispector, 2017, p. 71). Através de sua escrita, tornou suas obras em espelhos para os invisíveis. Para as sutilezas que tornam a vida da forma que ela é.

Em 1964, durante o período da ditadura militar, Clarice Lispector continuou a produzir obras que exploravam temas universais e introspectivos, como a identidade, a subjetividade e a condição humana. Seus livros, a exemplo de "A Paixão Segundo G.H." (1964) e "A Hora da Estrela" (1977), não abordam explicitamente a política ou a ditadura, mas estavam imersos em um clima de profunda reflexão sobre o ser e como o mundo atual se estrutura. Muitos autores e artistas foram vigiados, e suas obras se depararam com cortes e proibições. Clarice Lispector não foi uma exceção, e sua obra foi, em algumas ocasiões, sujeita à censura.

No contexto das tensões do golpe de abril, Netto (2017) aponta a intervenção imediata do Estado ao difundir produtos culturais. Mediante censura, repressão, divulgação e seletividade, a autocracia burguesa, sorrateiramente, permeia de modo corrosivo a cultura. “Vale dizer: a política cultural da ditadura teria de laborar em duas frentes: a) reprimir as vertentes que, no “mundo da cultura”, apontassem para a ultrapassagem da tara elitista, estimulando aquelas que contribuem para a sua cristalização e b) induzir e promover a emergência de tendências culturais funcionais ao projeto “modernizador” (Netto, 2017, p. 51). Ou seja, sua prioridade era pautada em combater qualquer tentativa de rompimento com a chamada *tara elitista* e, concomitantemente, fomentar tendências conforme a “modernização conservadora”.

A ideologia neoliberal - veiculada pela mídia, em certos meios de comunicação como o rádio, a TV, a internet e revistas de grande circulação - falseia a história, naturaliza a desigualdade, moraliza a "questão social", incita o apoio da população a práticas fascistas: o uso da força, a pena de morte, o armamento, os linchamentos, a xenofobia. (Barroco, 2011, p. 2008)

Assim sendo, apesar das investidas de falseamento da história e das práticas fascistas, ainda houveram vocalizações acerca da realidade concreta na produção artística brasileira durante o período ditatorial? Os manuscritos, versos e composições, inscritos nos filmes, nos livros e nas músicas de artistas revolucionários, de algum modo, fizeram a sociedade rever uma estrutura opressiva e autoritária, sobretudo, desumanizadora? Essas produções fomentaram uma reflexão acerca da função política ou social da arte?

**Figura 4** – “A luta de classes existe.”, Terra em Transe, Cinema Novo.



**Fonte:** Mubi. Disponível em: <https://mubi.com/pt/br>

Filmes produzidos pelo Cinema Novo (Figura 4) e o movimento tropicalista foram umas das provas de que sim – a arte tornou-se protagonista em sua ação transformadora. É a partir do abafamento seletivo de produção cultural, que movimentos de contracultura ganham força. Dentre os destaques do tropicalismo, lançado em 1968, "Panis et Circenses" tornou-se uma música ilustre da banda brasileira “Os Mutantes”. O título é uma expressão em latim que significa "pão e circo", uma referência à estratégia política de distrair e manipular o povo oferecendo-lhes comida e entretenimento para mantê-los às amarras.

Eu quis cantar minha canção iluminada de sol  
 Soltei os panos sob os mastros no ar  
 Soltei os tigres e os leões nos quintais  
 Mas as pessoas na sala de jantar  
 São ocupadas em nascer e morrer  
 Mandei fazer de puro aço luminoso um punhal  
 Para matar o meu amor e matei  
 Às cinco horas na Avenida Central  
 Mas as pessoas na sala de jantar  
 São ocupadas em nascer e morrer  
 Mandei plantar folhas de sonho no jardim do solar  
 As folhas sabem procurar pelo sol  
 E as raízes procurar procurar  
 Mas as pessoas na sala de jantar  
 São ocupadas em nascer e morrer (Os Mutantes, 1968)

A canção é uma crítica social que aborda a alienação e a apatia da sociedade brasileira da época, especialmente em relação à ditadura militar vigente. A mesma desafia o público a questionar as estruturas estabelecidas e a refletir sobre sua própria participação na dinâmica social e política. A letra, carregada de metáforas, faz alusão à alienação política e social das pessoas que, apesar de estarem cientes dos problemas e injustiças ao seu redor, preferem se distrair com entretenimento chulo, em vez de se envolverem ativamente na luta por mudanças sociais. Este trecho de Netto (2017, p. 47) aponta como o entretenimento citado no parágrafo acima foi continuamente financiado e divulgado pelo Estado:

Só indiretamente a intervenção projetada do Estado, pela mediação da política cultural, pode incidir na produção da cultura, ao criar (ou não), difundir e generalizar condições que concorrem subsidiariamente na produção cultural (condições materiais: infraestrutura, equipamentos, alocação de recursos etc.; condições ideais: estímulo e/ou repressão de modelos, movimentos, tendências etc.)

O cineasta Glauber Rocha, também, viu-se censurado pela dinâmica da política cultural em uma sociedade dominada pela autocracia burguesa. Ao fugir da predominância de vieses elitistas e alienados na cultura por meio da chamada – e tão alertada – modernização conservadora, Glauber Rocha contava com elementos acerca da miséria, luta de classes e a luta pela terra (Figura 5). O filme se passa em um país fictício da América Latina, que é uma clara alegoria para o Brasil da época e para outros países latino-americanos em crise política.

**Figura 5** – Glauber Rocha, Terra em Transe, Cinema Novo.



**Fonte:** <https://memoriasdaditadura.org.br/fotografia/cena-do-classico-terra-em-transe/>

Este fato foi o propulsor para não só um obscurantismo inerente à dominação burguesa, como também para uma realidade complexa no mundo da cultura, na qual correntes alternativas eram respondidas com repressão, sendo ela a maior estratégia do golpe de abril para a manutenção da ordem. O estilo e a abordagem de "Terra em Transe" influenciaram não apenas o cinema, mas também outras formas de arte e cultura no Brasil. A experimentação visual e a narrativa inovadora inspiraram uma nova geração de artistas e cineastas a explorar temas sociais e levantar debates acerca da função social da arte.

A partir do que foi apresentado, é possível reconhecer que a arte desempenha um papel fundamental na sociabilidade humana, cooptando como um meio de expressão, comunicação e identidade. Nesse sentido, a presença da arte no Serviço Social pode ser vista como uma estratégia valiosa para a retomada do desenvolvimento socioeducativo para a direção social em que atende aos interesses da classe trabalhadora.

A utilização de práticas artísticas no trabalho social pode facilitar a expressão de vivências, promover a criatividade e fomentar a inclusão social. Projetos que incorporam a arte podem atuar como um meio de conscientização e mobilização, fazendo com que os indivíduos reconheçam que são sujeitos dotados de direitos. Essa integração da arte no Serviço Social não apenas enriquece a prática profissional, afastando-se de práticas mecânicas e imediatistas, mas também contribui para a formação de sujeitos críticos e ativos na sociedade à longo prazo.

## **2.2. Diálogos interdisciplinares entre Serviço Social e Arte/Cultura: Quais são as possíveis aproximações?**

O capitalismo passa por diferentes fases de desenvolvimento. Na fase concorrencial, havia uma competição entre empresas e mercados relativamente desregulados. A transição para a fase monopolista, no entanto, caracteriza-se pelo domínio de grandes corporações que controlam mercados e buscam maximizar lucros de maneira mais eficiente, reduzindo a concorrência. Na fase monopolista, o Estado atua como o "comitê executivo" da burguesia monopolista. Isso significa que o Estado é instrumentalizado para proteger e promover os interesses dos grandes capitalistas, com usufruto de políticas sociais e econômicas para manter a ordem e controlar a força de trabalho.

A passagem para o capitalismo monopolista cria novas necessidades e tensões sociais. O Serviço Social surge como uma resposta a essas necessidades emergentes, especificamente para gerenciar os problemas sociais que surgem com essa mudança estrutural. A gênese do

Serviço Social está fortemente ligada ao processo de industrialização e urbanização que ocorreu no final do século XIX e início do século XX. Esses processos trouxeram grandes mudanças nas sociedades ocidentais, incluindo o crescimento das cidades, a formação de grandes concentrações urbanas e a emergência de problemas sociais, como pobreza, desigualdade e condições de trabalho precárias. No contexto brasileiro, foi influenciado por modelos e teorias importadas de outros países, especialmente dos Estados Unidos e da Europa.

Ao resgatar os marcos históricos da profissão, é possível averiguar alguns perfis pedagógicos desde a sua gênese. Durante a sua profissionalização, sob os moldes da produção fordista/tayloristas e uma orientação católica, o Serviço Social adotou o conformismo mecanicista, com base cultural do “bem estar”. As referências de suas práticas frequentemente revestiam as necessidades da produção capitalista de um cunho “educador” e “ressocializador”, o qual possuía um novo código de conduta individual, política e familiar para o proletariado.

O fenômeno americano, representado pelo fordismo e taylorismo, é descrito por Gramsci (2001) como o maior esforço coletivo já realizado para criar um novo tipo de trabalhador e de homem, adequado às necessidades do modelo de produção em massa e linhas de montagem. O teórico e ativista político critica profundamente esse movimento ao argumentar que é necessário reelaborar o princípio educativo na relação entre a construção de um novo padrão produtivo e a organização de uma nova ordem intelectual e moral pelas classes subalternas.

Gramsci (2001) acreditava que a fragmentação do trabalho poderia enfraquecer a consciência de classe e a solidariedade entre os trabalhadores. Ele via a organização do trabalho como um fator crucial na formação da consciência de classe e na luta pela mudança social. O taylorismo e o fordismo, ao fragmentar o trabalho, isolar os trabalhadores e mantê-los longe do significado do seu próprio trabalho, poderiam dificultar a construção de uma consciência de classe unificada.

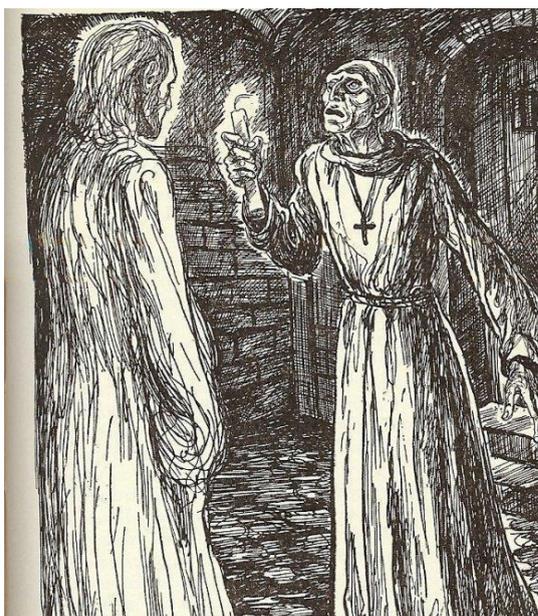
Cabe dizer que o Estado e a sociedade civil trabalham juntos para manter a hegemonia capitalista. Gramsci (2001) Estado não apenas como um “comitê executivo da burguesia” a partir do policiamento, do exército, das instituições jurídicas, mas também como uma entidade que abrange a sociedade civil, onde se incluem as instituições e organizações que exercem funções ideológicas e culturais (como escolas, igrejas, sindicatos, partidos políticos, mídia, etc.). Nesse sentido, sua lógica divide-se em duas esferas: sociedade civil e sociedade política.

O fordismo, ao introduzir novas formas de organização do trabalho e consumo, também contribuiu para a transformação das instituições da sociedade civil e do Estado, reforçando a hegemonia capitalista e ajustando-se às novas condições econômicas e sociais. É sob esta orientação que entende-se que o Estado ampliado refere-se à combinação de coerção (força do Estado) e consenso (influência da sociedade civil), onde o poder não é exercido apenas pela força, mas também pela liderança cultural e ideológica.

A partir da crítica profunda desse movimento, Gramsci reelabora o princípio educativo na relação entre a construção de um novo padrão produtivo e de trabalho e a organização de uma nova ordem intelectual e moral pelas classes subalternas, princípio que se funda na necessidade histórica da constituição de um processo mais amplo de superação da racionalidade da produção capitalista pelas citadas classes e instauração de uma nova e superior cultura – uma nova sociabilidade. (Abreu, 1996, p. 387)

Neste período, o/a assistente social foi facilitador do processo de organização cultural a partir de uma lógica de enquadramento da classe dominada aos padrões de sociabilidade do capital. Nesse sentido, o princípio educativo tornou-se refém de uma lógica individualista, psicologizante e conformista. “Com isso, a máxima exploração da classe trabalhadora, o empobrecimento material e espiritual foram elementos que marcaram o período. Por meio do exercício desta função, a prática do/a assistente social insere-se no campo das atividades que incidem sobre a organização da cultura, constituindo-se elemento integrante da dimensão político-ideológica das relações de hegemonia.” (Abreu, 2002, p. 18).

**Figura 5** – Ilustração do capítulo “O Grande Inquisidor”, Irmãos Karamazóv (2008), William Sharp



Fonte: [hns167jr.wordpress.com](http://hns167jr.wordpress.com)

Você é cruel. Você oferece aos pobres, famintos e fracos um caminho para o Céu, mas somente se eles fizerem coisas que você sabe muito bem que eles não são capazes de fazer. Então eu minto para eles. Quando eles estão com fome, eu os alimento. Quando eles pecam, eu lhes digo que estão perdoados. Quando estão desesperados, prometo-lhes o céu. Mas essas são boas mentiras. Eu lhes dou um pouco de esperança e felicidade, o que é mais do que você lhes dá. (Dostoiévski, 2008)

Este trecho demonstra a relação entre o grande inquisidor e Jesus Cristo, lenda escrita por Ivan Karamazóv, o qual estava inserido do contexto da Sevilha do século XVI, sob o domínio da Inquisição Espanhola. Claramente, é possível denotar o puritanismo como uma corrente religiosa que enfatiza a importância da transformação pessoal, da relação direta com Deus, da moralidade e da perseverança na fé como vias diretas para a salvação e o sucesso na vida em sociedade.

Ao organizar as ideias com o pensamento de Abreu (2002) acerca da organização da cultura e o trecho da célebre obra de Dostoiévski, é possível conceber um Estado carregado pelo paradigma do proibicionismo, tendo sua atuação no cerne das iniciativas puritanas. Essas iniciativas são, indubitavelmente, utilizadas para causar o abafamento das ameaças ao estabelecimento do capital e estabelecer o indivíduo como responsável pelas suas mudanças de conduta que convém ao sistema.

A inculcação das idéias puritanas vincula-se à disseminação de um conteúdo ético-religioso, centrado na elevação moral do indivíduo, a partir da sua transformação interna (modificação da personalidade), resultante de uma relação íntima e espontânea homem/Deus. O puritanismo propugnava a salvação pela regeneração, como produto de processos racionais, garantidos por uma férrea moral, ou seja, por uma crença profunda na própria capacidade de perseverar e prosperar na própria vocação. (Abreu, 2002, p. 55)

Para Abreu (2002) o ocultamento do nexos orgânico entre a produção e reprodução social sob uma ordem intelectual e moral gera o consentimento das classes subalternas com a dominação capitalista. Isto é, o abafamento dessa organicidade está diretamente ligada às ações educativas vinculadas aos interesses do capital, onde inevitavelmente e intencionalmente se tornam um instrumento – persuasivo e coercitivo – valioso para a manutenção do controle social, distante da perspectiva de emancipação humana da classe trabalhadora.

As políticas sociais, no geral, viraram alvo de burocratização, centralização e ampliação, com o fito de atenuar as tensões sociais entre a classe trabalhadora, enquanto,

concomitantemente, reduz-se os custos da reprodução da força de trabalho, bem como legitima-se o regime.

As relações pedagógicas que se estabelecem nessas mediações, concretizam-se sob a forma de ação material e ideológica, nos espaços cotidianos de vida e de trabalho de segmentos das classes subalternas diretamente envolvidos nos processos da prática profissional, interferindo na reprodução física e subjetiva desses segmentos e na própria constituição do Serviço Social como profissão. (Abreu, 2002, p. 17)

A Renovação do Serviço Social brasileiro refere-se a um processo que tem seus primeiros embriões ao final dos anos 1950 e início da década seguinte, sendo interrompido pela ditadura civil-militar que é resgatada nos anos 1980. Dará forma e conteúdo a uma nova direção social da profissão no país, transformando-se no alicerce para o que hoje se conhece e defende-se como projeto ético-político profissional<sup>11</sup>.

Em dado momento, este processo foi permeado pelas preocupações e programáticas advindas do Movimento de Reconceituação, centrado na transformação e redefinição da teoria e prática do Serviço Social Latino Americano nas décadas de 1960 e 1970, precisamente entre 1965 e 1975. Esse processo representou uma tentativa de ruptura com abordagens tradicionais e conservadoras do Serviço Social, buscando uma prática mais crítica e comprometida com a transformação social. A mudança foi influenciada por correntes teóricas e políticas que surgiram na época, incluindo a crítica ao assistencialismo e a adoção de perspectivas mais voltadas para a justiça social e a transformação social. Havia uma busca por um modelo de Serviço Social que não apenas atendesse às necessidades imediatas dos usuários, mas que também abordasse a anatomia das expressões da questão social.

Atualmente, frente às ofensivas intensas do conservadorismo, vê-se a ascensão de discursos que legitimam as raízes que a profissão por muito tempo foi refém. Evidenciam-se práticas de cunho conservador, autoritário, psicologizantes e pouco – ou quase nada – engajados com os interesses da classe trabalhadora. Esse cenário se dá pelo Movimento Reacionário no interior do Serviço Social, que por sua vez não goza do privilégio de se ver livre das amarras do esvaziamento dos fundamentos históricos e teórico-metodológicos da profissão.

Sob o viés de tornar a Renovação do Serviço Social palpável, é importante sugerir o pensamento de Yazbek (2006), que aborda a dimensão socioeducativa do Serviço Social no

---

<sup>11</sup> O Projeto Ético-Político do Serviço Social congrega um conjunto de valores relacionados à autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais, na direção da emancipação humana, sendo que tal projeto só adquire efetividade histórico-concreta quando se combina com uma direção político-profissional (Netto, 2009).

contexto da assistência social e das classes subalternas. Ela examina as relações entre as classes sociais desfavorecidas e a intervenção do Serviço Social, destacando a importância da dimensão socioeducativa nesse processo.

É enfática a urgência em trazer a dimensão socioeducativa no cotidiano profissional. Ao ressaltar que a política de assistência social não deve ser apenas um ato de distribuição de recursos, ela também acrescenta que é um meio de construção de conhecimento e conscientização para as classes subalternas. A dimensão socioeducativa, segundo ela, implica não apenas em prover assistência material, mas também em promover a emancipação e o entendimento crítico das condições sociais.

[...] faz-se necessário assumir, mas também extrapolar, os espaços dos Conselhos. E reassumir o trabalho de base, de educação, mobilização e organização popular, que parece ter sido submerso do debate teórico-profissional ante o refluxo dos movimentos sociais, mas não no trabalho de campo. (CFESS, 2012, p. 55)

A autora argumenta que o Serviço Social, ao lidar com as classes subalternas, deve ir além da mera aplicação de políticas sociais assistencialistas, as quais partem da perspectiva do “feitiço da ajuda”<sup>12</sup>, conforme forjou Mota (1995). Ela enfatiza a necessidade de ações que contribuam no desenvolvimento da consciência crítica dos usuários acerca das estruturas sociais, levando-os a questionarem as disparidades e participarem ativamente na busca por transformações sociais.

Essa perspectiva socioeducativa visa não apenas resolver imbróglios imediatos, mas também corroborar para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua realidade. Uma das competências do assistente social consiste na “[...] delimitação de ações socioeducativas voltadas para a valorização da autonomia dos sujeitos sociais e de sua efetiva participação nos processos de gestão das unidades educacionais e da própria política de educação em seus diferentes espaços de controle social.” (CFESS, 2012, p. 17). Portanto, a dimensão socioeducativa, conforme abordada por Yazbek (2006), destaca a importância do conhecimento, da conscientização e do empoderamento das classes subalternas no processo de intervenção do Serviço Social.

Vale advertir que essas ações não devem tomar direções que perpetuam o messianismo, tampouco o conservadorismo que deteriora a profissão. Confundir essa competência e compromisso ético político de maneira equívoca, que atribuía ao Serviço

---

<sup>12</sup> Mota (1995) aborda sobre em seu livro *Feitiço da Ajuda: As determinações do Serviço Social na Empresa*, a necessidade de refletir sobre novos caminhos para tanto a pesquisa acadêmica quanto às práticas profissionais. O feitiço consiste em fomentar ideias como “promoção”, “generosidade” e “ajuda” na estruturação do trabalho do assistente social.

Social uma certa aura libertadora da consciência política, como se fosse essa a sua atribuição. A tarefa da consciência das classes subalternas é um processo contínuo, que exige acontecimentos para além das atribuições profissionais.

Netto (1994) reforça que a vida social torna-se fortemente administrada pela organização capitalista, na qual a manipulação penetra todos os campos da existência individual, controla o consumo e induz determinados comportamentos na totalidade da existência dos agentes sociais.

[...] no geral operando ao nível descritivo – monográfico, tais abordagens atêm-se ao que há de perfunctório na cotidianidade. O reducionismo de que se nutrem dilui todas as determinações estruturais e ontológicas da vida cotidiana, subsumindo-as ou num culturalismo que hipertrofia os seus conteúdos simbólicos ou num sucessão de eventos manipulados que promovem a evicção das reais (e operantes) possibilidades de intervenção dos sujeitos sociais. (Netto, 1994, p. 73)

Yasbek (2006) destaca que essa dimensão está ligada ao fortalecimento dos projetos de luta dos segmentos subalternizados, enquanto Netto (1996) enfatiza que a educação crítica é essencial para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos.

A partir do processo de Renovação do Serviço Social brasileiro houve a introdução da influência marxista, o que, conforme Pontes (1995), significou a pluralização ideo-política do debate no seio profissional, consoante ao fortalecimento do pensamento crítico-dialético no Serviço Social. Com isso, a categoria da mediação ascende como um nítido amadurecimento na discussão metodológica da profissão.

É nos limites desses princípios (éticos) que se move o pluralismo, que supõe o reconhecimento na luta acadêmica e técnico-política, de orientações distintas presentes na arena profissional, assim como o embate respeitoso com as tendências regressivas do Serviço Social, cujos fundamentos liberais e conservadores legitimam a ordem vigente. Essas tendências regressivas apontaram para um retorno ao passado profissional, já submetido ao crivo da crítica teórica, metodológica, ética e política nas últimas décadas. Crítica esta fruto do trabalho coletivo de parte de vastos e representativos segmentos que protagonizaram a construção do processo de renovação do Serviço Social no país, que hoje dispõe de efetiva hegemonia na configuração social, acadêmica e organizativa da profissão no Brasil. (CFESS, 2012, p. 43; acrescentamos)

Pontes (1995) acentua ainda que a categoria da mediação se fundamenta em sua provocação às reflexões do pensamento messiânico, saudosista e voluntarista da profissão. Nesse sentido, ela reforça a possibilidade da ação transformadora, que instrumentaliza metodologicamente os/as assistentes sociais para superar a imediaticidade. “A totalidade sem mediação é inerte: as contradições - a negatividade que a permeia e responde pelo devir - não

se desenvolveriam em encadeamento e séries determinadas e determinantes, nem se apresentariam com caráter de necessidade.” (Netto, 1994, p. 82). A mediação, assim, torna-se a responsável pela elevação do abstrato ao concreto.

Diante dessa célebre ótica, é possível retomar a ideia de Mészáros (2008), a qual trata de advertir que o papel da educação, não limitada às margens corretivas interesseiras do capital, é soberano. O autor observa que, na educação, essas margens corretivas muitas vezes se concentram mais em preparar os indivíduos para o mercado de trabalho do que em desenvolver habilidades críticas e criativas.

Isso limita o potencial de mudança social e a capacidade dos indivíduos de questionar e desafiar o sistema existente. No entanto, sua potência é inquestionável. Ela é considerada uma estratégia apropriada para a mudança qualitativa das condições objetivas de reprodução da sociedade e a *automudança consciente* dos indivíduos incluídos no processo de criação de uma ordem social radicalmente distinta do metabolismo capitalista.

Para o teórico húngaro, a ampliação da riqueza social é contrastante ao culto fetichista de expansão do capital. Este fato traduz a tarefa educacional para romper com a lógica do capital como concomitante à tarefa da transformação social, ampla e emancipadora, sendo essas tarefas indissociáveis, inconcebíveis sem uma articulação entre as mesmas. Em termos de objetivos emancipatórios, é necessária uma educação ativa, orientada para uma ordem social que vá para além dos limites da ordem vigente. Dentre os procedimentos que suspendem a cotidianidade e que, na lógica aqui exposta, pode e deve ser parte dos processos de crítica e transformação social, Netto (1994, p.70) inclui a arte:

[...] há três formas privilegiadas de objetivação nas quais os procedimentos homogeneizadores superam a cotidianidade: o trabalho criador, a arte e a ciência. Estas três objetivações mais altas constituem esferas que se destacaram das objetivações cotidianas graças a um longo processo histórico de complexa diferenciação, adquirindo autonomia e legalidade próprias – processo que, em si mesmo, é o da constituição do ser social.

A cotidianidade é uma das esferas da vida social onde a alienação se manifesta de maneira aguda. As relações sociais assumem a forma de coisas, e as pessoas são alienadas de sua própria produção e das relações sociais reais. Na cotidianidade, as atividades diárias são fragmentadas e desprovidas de significado humano genuíno, sendo moldadas pelos imperativos da produção capitalista.

Para superar a alienação e a reificação na cotidianidade, exigiria uma transformação radical nas estruturas sociais e uma reconexão das pessoas com o significado humano autêntico de suas atividades diárias. A crítica à cotidianidade está enraizada na tradição

marxista, explorando as implicações sociais da produção capitalista e suas influências sobre a vida cotidiana. Dessa maneira, a partir da arte “[...] abrem-se as cortinas para uma nova concepção, dando possibilidades reais de o indivíduo pensar criticamente, possibilitando o rompimento do senso comum e rejeitando os processos de alienação” (Scherer, 2013, p. 84).

Ainda nessa perspectiva, Netto e Braz (2006, p. 33) apontam:

[...] a partir das experiências imediatas do trabalho, o sujeito se vê impulsionado e estimulado a generalizar e a universalizar os saberes que detém. Ora, tudo isso requer um sistema de comunicação que não deriva de códigos genéticos, uma vez que se relaciona a fenômenos que não se configuram como processos naturais, mas a fenômenos surgidos no âmbito do ser que trabalha - por isso, o trabalho requer e propicia a constituição de um tipo de linguagem que, além de aprendida, é condição para aprendizado.

Arte, cultura, educação e cotidiano. Sendo estas aproximações possíveis, quais são suas relações? Apesar do cotidiano se constituir como nada fértil, é, ainda assim, um espaço essencial da vida. “Um ponto relevante é pensar que a arte se constitui no cotidiano com potência de suavizar densidades afetivas e de construir relações entre as pessoas. A arte, nesse sentido, constitui e atravessa formações de consciência social.” (Arruda, 2022, p. 412). É nele em que o exercício profissional da(o) assistente social se concretiza. No entanto, quais são os instrumentos possíveis de mediação para que as(os) profissionais possam dar um passo à frente na execução dos serviços, para além do destino pouquíssimo rico de sua repetição?

Agora que é possível determinar, inegavelmente, o traço pedagógico intrínseco à profissão, seria a arte engajada, então, uma maneira de auxiliar na prática profissional? Apesar de uma série de tendências e problemas que afetam a experiência profissional moderna, a exemplo da ameaça ao desemprego, do achatamento de salários, vínculos precarizados, a compreensão e a análise desses problemas são essenciais para buscar meios de superá-las. Muito se discute sobre as tensões fundamentais entre o projeto ético-político profissional do assistente social, que o concebe como um agente dotado de autonomia e teleologia, e sua realidade como trabalhador assalariado em um espaço ocupacional. Nesse sentido, Iamamoto (2007, p. 422) destaca:

Na direção da expansão das margens de autonomia profissional no mercado de trabalho, é fundamental o respaldo coletivo da categoria para a definição de um perfil da profissão: valores que a orientam, competências teórico metodológicas e operativas e prerrogativas legais necessárias a sua implementação, entre outras dimensões, que materializam um projeto profissional associado às forças sociais comprometidas com a democratização da vida em sociedade.

Essa tensão se reflete na necessidade de considerar um campo de mediações para compreender como a análise da profissão transita para o seu exercício efetivo nos diversos espaços ocupacionais em que o assistente social atua. Isso significa reconhecer que a prática do assistente social é moldada por uma série de mediações, incluindo as estruturas organizacionais, políticas públicas, relações de poder, demandas dos usuários e contextos sociais, entre outros fatores.

(a) a existência de um campo de mediações que necessita ser considerado para realizar o trânsito da análise da profissão ao seu exercício efetivo na diversidade dos espaços ocupacionais em que ele se inscreve; (b) a exigência de ruptura de análises unilaterais, que enfatizam um dos polos daquela tensão transversal ao trabalho do assistente social, destituindo as relações sociais de suas contradições (Iamamoto, 2007, p. 9).

É necessário evitar abordagens simplistas que não consideram a complexidade e as contradições presentes na prática profissional, e que podem acabar por descontextualizar o trabalho do assistente social de suas bases teóricas e éticas. Em suma, Yamamoto (2007) apresenta a importância de compreender e lidar com essa tensão inerente à prática do assistente social, sobretudo de atender aos princípios éticos da profissão.

A efetivação desses princípios remete à luta, no campo democrático-popular, pela construção de uma nova ordem societária. E os princípios éticos ao impregnarem o exercício cotidiano, indicam um novo modo de operar o trabalho profissional, estabelecendo balizas para a sua condução nas condições e relações de trabalho em que é exercido e nas expressões coletivas da categoria profissional na sociedade. Aquela efetivação condensa e materializa a firme recusa à ingenuidade ilusória do tecnicismo. (CFESS, 2012, p. 42)

Exercer sua autonomia relativa significa entender que não se pode garantir, e sim viabilizar. É lidar com a correlação de forças e reconhecer a necessidade de mediações para uma atuação efetiva, bem como evitar análises unilaterais que simplifiquem a complexidade das relações sociais envolvidas no trabalho profissional. Nesse sentido, de maneira a estabelecer sua função social na atuação da(o) assistente social, a arte propõe a capacidade “questionar verdades cristalizadas na vida cotidiana, exercendo um papel transformador na sociedade, isso porque age diretamente na autoconsciência da humanidade” (Scherer, 2013, p. 62)

Se é assim, como a arte pode ser usada pelo Serviço Social a serviço da construção de estratégias pedagógicas/educativas que elevem o trabalho profissional para além da cotidianidade? Assistentes sociais lançam mão da arte como recurso pedagógico de seu fazer

profissional? Qual o espaço ocupado pela Arte na capacidade socioeducativa do fazer profissional no Serviço Social? Para qual direção social apontam as atividades socioeducativas observadas na pesquisa de TCC? O uso da arte como ferramenta socioeducativa está alinhada com a direção social hegemônica construída pela profissão? É para entender alguns aspectos destas grandes questões que se organiza este trabalho.

## CAPÍTULO III

Este capítulo tem como intenção analisar as relações entre arte e Serviço Social como uma estratégia valiosa para o fortalecimento do projeto hegemônico da profissão. Tendo como arcabouço as análises teóricas e suas especificidades apresentadas anteriormente, neste capítulo, será analisado, sobretudo, o levantamento bibliográfico que respalda o uso da arte como mediação profissional, considerando suas potencialidades na promoção da reflexão crítica e da autoconsciência humana. Em seguida, será colocada em tese a direção social das iniciativas observadas na pesquisa de TCC, avaliando se estão alinhadas com os princípios e diretrizes da profissão, além de seu impacto no compromisso com a construção de uma classe trabalhadora mais emancipada.

### 3.1 Os procedimentos metodológicos

Esta pesquisa tem como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica e documental, alinhada ao método crítico-dialético. O método se faz necessário, pois todo pesquisador necessita de parâmetros para orientá-lo na caminhada do conhecimento (Minayo, 1994). O método crítico-dialético é uma abordagem filosófica e metodológica desenvolvida principalmente por Marx e Engels, como uma forma de analisar a sociedade e a história de uma perspectiva materialista e dialética. O método crítico-dialético parte do pressuposto de que as condições materiais da vida social são fundamentais para entender a sociedade. Isso significa que fatores econômicos, como a produção e distribuição de bens, desempenham um papel central na formação e evolução das instituições sociais, das ideias e das relações de poder.

Parafraseando categorias postas por Lukács, Netto (2011, p. 45) destaca que “[...] as "determinações as mais simples" estão postas no nível da universalidade; na imediatez do real, elas mostram-se como singularidades - mas o conhecimento do concreto opera-se envolvendo universalidade, singularidade e particularidade”. Uma característica importante do método é a ênfase na compreensão da sociedade como uma totalidade complexa, ao invés de simplesmente uma soma de partes separadas.

A realidade é concreta exatamente por isso, por ser "a síntese de muitas determinações", a "unidade do diverso" que é própria de toda totalidade. O conhecimento teórico é, nesta medida, para Marx, o conhecimento do concreto, que constitui a realidade, mas que não se oferece imediatamente ao

pensamento: deve ser reproduzido por este e só "a viagem de modo inverso" permite esta reprodução. (Netto, 2011, p. 44)

Isso significa que os fenômenos sociais são vistos em sua interconexão e interdependência, e não isoladamente. É uma abordagem que busca compreender e transformar a sociedade através de uma análise materialista, dialética, crítica e orientada para a práxis. Ela fornece uma estrutura teórica e metodológica poderosa para investigar e responder aos desafios sociopolíticos contemporâneos.

O procedimento metodológico deu início com a realização de leituras bibliográficas preliminares, que forneceram subsídios para as análises posteriores dos dados. Essas leituras têm como objetivo fornecer uma compreensão básica dos conceitos, teorias e debates relevantes para a pesquisa. Esse passo envolve a busca ativa por materiais já elaborados, como livros e artigos científicos, que abordam a temática da pesquisa. Essa abordagem permite que o pesquisador tenha acesso a uma ampla gama de informações e perspectivas sobre o tema em questão.

Dessa maneira, classificada por nível exploratório, a pesquisa que foi desenvolvida propôs abarcar, em sua primeira fase, uma análise aprofundada da produção bibliográfica do Serviço Social sobre o objeto, a partir dos marcadores: Arte; Arte e Serviço Social, Cultura, dimensão socioeducativa e/ou pedagógica, emancipação e instrumentalidade.

Buscamos produções recentes nos Repositórios Universitários, na plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO) a partir da filtragem de busca pelas revistas: Serviço Social e Sociedade, Katálisis e Temporalis.

Fez-se também a busca nos Anais dos Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais (CBAS) de 2018 a 2022, e nos Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisadores/as em Serviço Social (ENPESS), nas edições de 2017 e 2022, os quais serão as fontes de dados para a análise. O marco temporal foi delimitado a partir do entendimento de que, apesar de ser um debate presente, ainda é uma discussão relativamente recente dentro da academia, tendo em vista o maior volume de produções nos últimos anos.

Pela importância dos encontros de pesquisadores e assistentes sociais, tornou-se primordial analisar a produção bibliográfica dos congressos, encontros e jornadas do Serviço Social. Por serem espaços fundamentais de socialização de conhecimento e produção científica da categoria profissional, é indispensável trazer à tona um levantamento bibliográfico para analisar o objeto. Nesse processo, destaca-se que a abordagem utilizada foi a quali-quantitativa, tendo como objetivo melhor compreensão a partir de análises qualitativas e métodos quantitativos. A quantidade e a qualidade estão unidas e são interdependentes. No

campo filosófico, no que tange à dinâmica da pesquisa ao incluir qualidade e quantidade, Gramsci (1995, p. 50) argumenta:

Afirmar, portanto, que se quer trabalhar sobre a quantidade, que se quer desenvolver o aspecto “corpóreo” do real, não significa que se pretenda esquecer a “qualidade”, mas, ao contrário, que se deseja colocar o problema qualitativo da maneira mais concreta e realista, isto é, deseja-se desenvolver a qualidade pelo único modo no qual tal desenvolvimento é controlável e mensurável.

A partir da busca na base de dados foi desenvolvida a tabela do universo da pesquisa conforme a filtragem, que teve como principal objetivo quantificar o total de produções encontradas no período estabelecido. Na quantificação, estará o levantamento dos eixos temáticos, o mapeamento da matriz teórica (métodos e perspectivas escolhidas pelos autores), as palavras-chaves que aparecem com frequência como lócus das produções nos repositórios, anais e revistas. Para tanto, serão feitos quadros e gráficos para pôr em vista os resultados, pois “[...] são utilizados procedimentos estatísticos que possibilitam estabelecer quadros, diagramas e figuras que sintetizam e põem em relevo as informações obtidas” (Gil, 1987, p. 164).

Dentro desta abordagem metodológica, em relação aos distintos tipos de leitura requeridos para a pesquisa bibliográfica, optamos pelo delineamento proposto por Gil (2008), que compreende: a) leitura exploratória, permitindo uma visão ampla do problema investigado; b) leitura seletiva, responsável por definir o objeto de estudo; e c) leitura analítica, na qual se busca organizar e resumir as informações em fichamentos, a fim de oferecer respostas ao problema de pesquisa.

Minayo (1994) destaca que a análise de conteúdo, quando aplicada na pesquisa social, permite uma descoberta para além das aparências dos conteúdos manifestos. Ou seja, ela sugere que os pesquisadores devem buscar compreender as camadas mais profundas e subjacentes dos dados coletados, ultrapassando o que está explicitamente evidente.

Para a análise de conteúdo, foi feita a primeira leitura e o fichamento das produções bibliográficas encontradas a partir dos marcadores e possíveis eixos temáticos de cada base de dados. A primeira leitura consistiu em uma leitura dinâmica de conteúdos encontrados a partir dos marcadores; ela objetiva localizar o material que pode proporcionar informações e/ou dados referentes ao tema e identificar se esses dados são necessariamente de interesse para a análise.

A partir de uma leitura seletiva, foi possível desenvolver uma categorização das produções selecionadas. A categorização tem por objetivo sumarizar e documentar as

informações extraídas dos artigos científicos encontrados nas fases anteriores. Essa documentação deve ser elaborada de forma concisa e fácil (Broome, 2006). A partir da categorização, será realizada a discussão, interpretação e análise dos textos e síntese dos resultados encontrados, destacando contribuições para a compreensão do tema sob a ótica do materialismo histórico-dialético.

[...] o que se fala? o que se escreve? com que intensidade? com que frequência? que tipo de símbolos figurativos são utilizados para expressar idéias? e os silêncios? e as entrelinhas?... e assim por diante, a análise de conteúdo permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação. (Franco, 2018, p. 20)

Os dados foram organizados de maneira a identificar as categorias abordadas, as perspectivas teóricas presentes e sua frequência. “Pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto.” (Netto, 2011, p. 21). Desse modo, a partir desses dados, foi executada a amostragem de conjuntos de perspectivas acerca da arte como mediação no Serviço Social.

### **3.2 Arte/Cultura e Serviço Social: o que está sendo produzido sobre a temática?**

A partir do levantamento bibliográfico, foi possível observar a defesa da arte, diante do seu arcabouço robusto de expressões, como mediação frente às manifestações da “questão social”. A "questão social", entendida como as diversas expressões da desigualdade e da exclusão geradas pela estrutura socioeconômica, frequentemente se manifesta na marginalização de determinados grupos. A arte, nesse sentido, pode atuar como um meio de visibilização dessas realidades, sensibilizando a sociedade e promovendo a reflexão crítica. Por meio da expressão artística, indivíduos e coletividades podem construir narrativas que desafiam discursos hegemônicos, promovem o reconhecimento de direitos e reforçam a identidade cultural de populações historicamente silenciadas.

Ao deparar-se com a compreensão de que a arte e a realidade estão profundamente conectadas, encontra-se uma ferramenta valiosa para intervir no cotidiano profissional. Esta prática desafia os profissionais a desenvolverem consciência da posição da profissão na reprodução da vida social, bem como amplia as possibilidades de fortalecer uma noção de emancipação humana dos usuários.

Na primeira fase, como posteriormente mencionado, houve uma atenção especial em selecionar revistas que atendessem à procura de possíveis produções acerca da Arte como instrumento profissional, bem como sobre as perspectivas que atendem a este trabalho. Nesse sentido, foram selecionadas: Serviço Social e Sociedade, Katálysis e Temporalis.

A Revista Katálysis é uma publicação acadêmica que se dedica a temas relacionados ao Serviço Social e às Ciências Sociais em geral. Editada e publicada pelo Pós-Graduação em Serviço Social e pelo Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, ela busca fomentar o debate crítico e a reflexão sobre práticas, teorias e políticas sociais. Entre os anos 2017–2024, foram encontradas um total de 8 produções de relevância para a temática de Arte/Cultura e Serviço Social na Revista Katálysis. A última publicação sobre a temática foi no ano de 2022, o que denota uma regressão considerável de produções nos últimos anos. O ano de 2019 e 2020 foram destaque sobre a temática, tendo um total de 6 publicações ao todo.

**Tabela 1** – Distribuição dos trabalhos da Revista Katálysis

<b>TÍTULO</b>	<b>REVISTAS</b>	<b>AUTOR</b>	<b>PERSPECTIVA</b>
Antonio Gramsci e a crítica da cultura: intelectuais, política e classes subalternas	Revista Katálysis Jan 2017	Mussi, Daniela Xavier Haj	Classes subalternas; Intelectuais; Crítica da cultura.
Capitalismo dependente e cultura autocrática: contribuições para entender o Brasil contemporâneo	Revista Katálysis Jan 2018	Marques, Morena Gomes	Capitalismo dependente; Classes sociais; Cultura autocrática
Fascismo e O Conto da Aia: a misoginia como política de Estado	Revista Katálysis Set 2019	Vazquez, Ana Carolina Brandão	Fascismo; Protofascismo; Feminismo; Direitos sexuais e reprodutivo
Intervenções artísticas em estabelecimentos prisionais portugueses: estudo multidimensional sobre dinâmicas e impactos	Revista Katálysis Mai 2019	Serafino, Irene	Estabelecimentos prisionais; Intervenção social; Práticas artísticas; Portugal
El Programa Puntos de Cultura y sus destinatarios: un estudio de caso en la Provincia de Buenos Aires	Revista Katálysis Abr 2019	Mello, Diana Bento de	Políticas públicas culturales; Puntos de cultura; Enfoque antropológico

Ontogênese do estético e vissungos: cantos de trabalho dos negros escravizados na mineração	Revista Katálysis Ago 2020	Silva, Marlon Garcia	Estética; Marxismo; Cantos de trabalho; Vissungos
Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica	Revista Katálysis Abr 2020	Arruda, Daniel Péricles	Cultura hip-hop; Invisibilidade; Juventude Periférica; Reconhecimento; Serviço Social
Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser-artístico	Revista Katálysis Ago 2022	Arruda, Daniel Péricles	Arte; Cultura Hip-Hop; Juventudes Periféricas; Ser-Artístico; Subjetividade
<b>TOTAL: 8</b>			

**Fonte:** Elaboração própria

A revista Serviço Social e Sociedade, busca promover a reflexão, a pesquisa e o debate sobre temas relevantes para a profissão e a atuação dos assistentes sociais. Conforme a tabela 02, cerca de 8 produções trabalharam a relação entre dimensão pedagógica e Arte/Cultura, com ênfase na mobilização, educação popular e expressões estético-culturais. Assim como a Katálysis, também foi possível constatar um declínio de produções, tendo em vista que a última publicação foi no ano de 2021.

**Tabela 2** – Distribuição dos trabalhos da Revista Serviço Social & Sociedade

TÍTULO	REVISTAS	AUTOR	PERSPECTIVA
Serviço Social e medidas socioeducativas: o trabalho na perspectiva da garantia de direitos	Serviço Social & Sociedade Mar 2011	Tonet, Ivo	Serviço Social; Trabalho profissional; Medida socioeducativa de internação
Serviço Social e educação popular: diálogos possíveis a partir de uma perspectiva crítica	Serviço Social & Sociedade Mar 2012		Educação popular; Serviço Social; Formação profissional; Mobilização social
Interdisciplinaridade, formação humana e emancipação humana	Serviço Social & Sociedade Dez 2013	Lessa, Simone Eliza do Carmo	Fragmentação do saber.

			Interdisciplinaridade. Crítica
Diálogos entre Serviço Social e educação popular: reflexão baseada em uma experiência científico-popular	Serviço Social & Sociedade Jun 2013	Maranhão, César	Serviço Social; Educação popular; Extensão universitária
A educação contemporânea, o combate à pobreza e as demandas para o trabalho do assistente social: contribuições para este debate	Serviço Social & Sociedade Mar 2013	Lara, Ricardo	Educação; Crise capitalista; Escola pública; Serviço Social
Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a "questão social" e a questão cultural no Brasil	Serviço Social & Sociedade Set 2014	Souza, Dimas Antônio de	Samba, Cultura e Sociedade
Educação e transcendência da autoalienação do trabalho	Serviço Social & Sociedade Mar 2014	Mussi, Daniela Xavier Haj	Trabalho, Alienação e Emancipação.
Oficinas pedagógicas de enfrentamento ao trabalho infantil: memória, oralidade e expressão estética	Serviço Social & Sociedade Mai 2021	Marques, Morena Gomes	Trabalho infantil; Oficinas pedagógicas; Memória; Oralidade; Expressão estética
<b>TOTAL: 8</b>			

**Fonte:** Elaboração própria

A revista *Temporalis* é uma publicação acadêmica focada em temas relacionados ao Serviço Social, às ciências sociais e à filosofia. Editada pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a revista busca promover um espaço importante para a construção e disseminação do conhecimento, o que, certamente, promove a formação contínua e a atualização dos profissionais da área. Com um total de 10 produções sobre a temática, a partir dos dados dispostos na Tabela 03, destacou-se com

produções mais específicas sobre a arte como mediação profissional, cotidiano e fortalecimento do Projeto Ético-político.

**Tabela 3** –Distribuição dos trabalhos da Revista TEMPORALIS

<b>TÍTULO</b>	<b>REVISTAS</b>	<b>AUTOR</b>	<b>PERSPECTIVA</b>
Arte como mediação: dilemas e formação profissional	TEMPORALIS 2024	Ricardo de Holanda Leão (Autor)	Arte; Mediação,, Formação Profissional.
CULTURA POPULAR NO CAPITALISMO DEPENDENTE: ENTRE RESISTÊNCIAS E INCORPORAÇÕES	TEMPORALIS 2023	Bruno Borja (Autor)	Cultura popular; Capitalismo dependente; Incorporação cultural.
CONSIDERAÇÕES BENJAMINIANAS SOBRE ARTE, CULTURA E SERVIÇO SOCIAL	TEMPORALIS 2023	Juliana Viana Ford, Gustavo José de Toledo Pedroso (Autor)	Arte; Técnica; Cultura; Serviço Social.
A DIMENSÃO ÉTICO-POLÍTICA DO SERVIÇO SOCIAL À LUZ DA PERSPECTIVA GRAMSCIANA: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA FILOSOFIA DA PRÁXIS	TEMPORALIS 2022	Silmara Carneiro e Silva, Olegna de Souza Guedes (Autor)	Dimensão ético-política; serviço social; projeto profissional; filosofia da práxis.
DIRETRIZES CURRICULARES E CULTURA: SOBRE FORMAÇÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL	TEMPORALIS 2020	Paula Kropf (Autor)	Diretrizes Curriculares. Cultura. Serviço Social. Formação Profissional.
APROXIMAÇÕES DO SERVIÇO SOCIAL COM A POLÍTICA DE	TEMPORALIS 2020	Adriana Freire Pereira Férriz, Eliana Bolorino Canteiro Martins (Autor)	Educação. Serviço Social. Entidades da categoria

EDUCAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DAS COMISSÕES DE EDUCAÇÃO DOS CONSELHOS REGIONAIS DE SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL			
O INTELLECTUAL ORGÂNICO E AS CLASSES SUBALTERNAS: A ELABORAÇÃO DA NOVA CULTURA PARA O NOVO BLOCO HISTÓRICO	TEMPORALIS 2019	Mirele Hashimoto Siqueira, Alfredo Aparecido Batista (Autor)	Gramsci. Intelectual Orgânico. Bloco Histórico. Cultura. Classes Subalternas.
REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO E A ÉTICA PROFISSIONAL NO SERVIÇO SOCIAL	TEMPORALIS 2019	Alberta Emilia Dolores de Goes (Autor)	Cotidiano Atuação profissional. Ética e serviço social.
A FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL NO PERÍODO NEODESENVOLVIMENTISTA DE DILMA ROUSSEFF: OS ENTRAVES PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA	TEMPORALIS 2019	Suellen Bezerra Alves Keller (Autor)	Formação Profissional. Serviço Social. Esgotamento do Neodesenvolvimentismo.
Uma reflexão sobre as contribuições da arte nas lutas sociais	TEMPORALIS 2017	Priscila Rodrigues Castro (Autor)	Arte. Lutas Sociais. Dominante Cultural. Pedagogia Política.
<b>TOTAL: 10</b>			

**Fonte:** Elaboração própria

### 3.2.1 Eventos, congressos e encontros de expressão no Serviço Social: Como estão se colocando frente ao diálogo da arte?

Na segunda fase, foram continuadas pesquisas anteriores com o intuito de coletar artigos apresentados em congressos, especialmente no Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), que ocorre a cada quatro anos e reúne estudantes e profissionais da área. Além disso, há o Encontro Nacional de Pesquisadores de Serviço Social (ENPESS), realizado bianualmente, onde assistentes sociais, professores, pesquisadores e estudantes se reúnem para debater diversos temas.

Devido à dificuldade de acessar as produções físicas do CBAS e do ENPESS, as edições disponíveis digitalmente foram priorizadas. Nesse sentido, o levantamento consistiu nas edições de 2022 e 2019 do CBAS e nas edições 2022 e 2018 do ENPESS.

**Tabela 4** – Distribuição de trabalhos do CBAS em 2022.

<b>EDIÇÃO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>
<b>CBAS 2022 XVII</b>	FOTOGRAFIA E A EDUCAÇÃO POPULAR: CONSTRUINDO UM OLHAR CRÍTICO NA BUSCA DE DESVELAR A REALIDADE.	Gustavo José De Toledo Pedroso, Leticia Nicolau Silva, Rita De Cássia Lopes De Oliveira Mendes
<b>CBAS 2022 XVII</b>	ERA UMA VEZ LYGIA BOJUNGA: A LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO INSTRUMENTO POSSÍVEL NOS DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO	Fabricia Vellasquez Paiva , Brenda Cristina Da Silva E Silva
<b>CBAS 2022 XVII</b>	A EXPERIÊNCIA DO CLUBE DE LEITURA CAROLINA MARIA DE JESUS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE RESPEITO AO DIVERSO E ANTICAPITALISTA	Virgínia Alves Carrara, Mariana Brito Horta Nogueira, Ana Luiza Rodrigues Pereira1, Suelem Cristiane Dos Santos, Aline Egidio Lopes Antonio
<b>CBAS 2022 XVII</b>	“NÃO HÁ COISA BOA EM COISA RUIM”: A RADICALIZAÇÃO DAS DIREITAS NO AMBIENTE SOCIOCULTURAL BRASILEIRO	Milena Carlos De Lacerda, Carla Cristina Lima De Almeida
<b>CBAS 2022 XVII</b>	“MARIAS”, O QUE ELAS TÊM EM COMUM? ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DO CICLO INTERGERACIONAL DE VULNERABILIDADES BASEADO NO CURTA-METRAGEM “VIDA	Edimara Dos Santos Silva, Fabíola Dayane Da Silva Carvalho

	MARIA”	
<b>CBAS 2022XVII</b>	COMUNICAÇÃO COMO UM DIREITO: A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO	Jéssica Da Silveira Teles
<b>CBAS 2022 XVII</b>	PODCAST COMO ESTRATÉGIA PROFISSIONAL NO SUAS EM TEMPOS DE PANDEMIA	Leiliane Martinz De Oliveira <sup>1</sup> , Leiriane De Araújo Silva, Nara Cesar Cavalcante
<b>CBAS 2022 XVII</b>	A DIMENSÃO SOCIOEDUCATIVA COMO ESTRATÉGIA DE SUPERAÇÃO DOS PRECONCEITOS: OS EMPECILHOS DOS VALORES PRECONCEBIDOS NA ASSISTÊNCIA SOCIAL	Thais Mara Teixeira Brito, Bruna Pereira Caetano, Gustavo José De Toledo Pedroso
<b>CBAS 2022 XVII</b>	PROJETO TARDES CULTURAIS: OS DESAFIOS E A POTÊNCIA DE UM SINGULAR PROJETO DE INTERVENÇÃO PROFISSIONAL NO PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	Isabela Feitosa Da Silva <sup>1</sup> , Solange Correia Picado, Carolina Sthefany Da Silva Cordeiro
<b>CBAS 2022 XVII</b>	CIDADANIA E CULTURA: UMA EXPERIÊNCIA DE PROTAGONISMO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES	Anderson Do Nascimento Silva <sup>1</sup> , Arieli Tamara Salla, Walkiria Santos Costa
<b>CBAS 2022 XVII</b>	FOTOGRAFIA E A EDUCAÇÃO POPULAR: CONSTRUINDO UM OLHAR CRÍTICO NA BUSCA DE DESVELAR A REALIDADE.	Gustavo José De Toledo Pedros, Leticia Nicolau Silva <sup>1</sup> , Rita De Cássia Lopes De Oliveira Mendes
<b>CBAS 2022 XVII</b>	ERA UMA VEZ LYGIA BOJUNGA: A LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO INSTRUMENTO POSSÍVEL NOS DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO	Fabricia Vellasquez Paiva, Brenda Cristina Da Silva E Silva
<b>TOTAL CBAS XVII: 12</b>		

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 5** – Distribuição de trabalhos do CBAS em 2019

<b>EDIÇÃO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>
<b>CBAS XVI</b>	ARTE E CULTURA NO ASSENTAMENTO DOS CAETANOS DE CIMA – AMONTADA (CE)	Luciana Gomes Marinho, Rita de

		Cássia Duarte de Figueiredo, Maria Assunção de Araújo Oliveira , Jacqueline do Nascimento Carvalho , Eleni Oliveira da Silva, Salvelina Portela Oliveira
<b>CBAS XVI</b>	O SERVIÇO SOCIAL E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL	Amanda de Lima Garcia, Grazielle Nayara Felício Silva
<b>CBAS XVI</b>	PROJETO FAMILIARTE - SERVIÇO SOCIAL, ARTE E CULTURA	Flávio Teixeira de Souza
<b>CBAS XVI</b>	SERVIÇO SOCIAL E CULTURA: O RAP COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA	Lais Lopes Garcia
<b>CBAS XVI</b>	AS CONTRIBUIÇÕES DO SERVIÇO SOCIAL NA PERSPECTIVA DE UMA NOVA ORGANIZAÇÃO DE CULTURA	Andreia Agda Silva Honorato, Fernanda Cristina da Silva, Leda Maria de Albernaz Siqueira, Leny Hecilda dos Santos, Patrícia Cristina Galvão, Priscila da Silva Marcondes, Sueli do Carmo Arantes Camargo, Verônica Cordeiro Galvão
<b>CBAS XVI</b>	ALÉM DO QUE SE VÊ: ACESSIBILIDADE CULTURAL, UMA DISCIPLINA PREMENTE AO SERVIÇO SOCIAL	Ellen Soares Santos
<b>CBAS XVI</b>	CULTURA E MARXISMO: OS DESAFIOS PARA A PESQUISA-AÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL	Luciana Gomes Marinho , Rita de Cássia Duarte de Figueiredo, Maria Assunção de Araújo Oliveira , Jacqueline do Nascimento Carvalho , Eleni Oliveira da Silva, Salvelina Portela Oliveira
<b>CBAS</b>	ARTE E CULTURA NO ASSENTAMENTO DOS	Luciana Gomes

<b>XVI</b>	CAETANOS DE CIMA – AMONTADA (CE)	Marinho Rita de Cássia Duarte de Figueiredo María Assunção de Araújo Oliveira Jacqueline do Nascimento Carvalho Eleni Oliveira da Silva Salvelina Portela Oliveira
<b>CBAS XVI</b>	O SERVIÇO SOCIAL E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: A ARTE COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO SOCIAL	Flávio Teixeira de Souza
<b>CBAS XVI</b>	PROJETO FAMILIARTE - SERVIÇO SOCIAL, ARTE E CULTURA	Lais Lopes Garcia
<b>CBAS XVI</b>	SERVIÇO SOCIAL E CULTURA: O RAP COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA	Andreia Agda Silva Honorato, Fernanda Cristina da Silva, Leda Maria de Albernaz Siqueira, Leny Hecilda dos Santos, Patrícia Cristina Galvão, Priscila da Silva Marcondes, Sueli do Carmo Arantes Camargo, Verônica Cordeiro Galvão
<b>CBAS XVI</b>	AS CONTRIBUIÇÕES DO SERVIÇO SOCIAL NA PERSPECTIVA DE UMA NOVA ORGANIZAÇÃO DE CULTURA	Ellen Soares Santos
<b>TOTAL: 12</b>		

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 6** – Distribuição de trabalhos do ENPESS em 2022.

<b>EDIÇÃO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>
<b>ENPESS 2022</b>	POLÍTICAS SOCIAIS NA JUVENTUDE: EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA NAS PERIFERIAS.	NAYRA GABRIELLE MAMEDES DA SILVA, 1 ARIANE DA SILVA NUNES
<b>ENPESS</b>	REFLEXÕES SOBRE A ARTE E O TRABALHO	LUCIANA

<b>2022</b>	SOCIOEDUCATIVO NO SERVIÇO SOCIAL	GONCALVES PEREIRA DE PAULA, CAMILA REIS PEDRO DE SOUZA, ISADORA DAS GRAÇAS FREITAS
<b>ENPESS 2022</b>	AS DIRECIONALIDADES DA DIMENSÃO PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DO SERVIÇO SOCIAL PARA A EMANCIPAÇÃO DA CLASSE SUBALTERNA	LEONARDO MACEDO RODRIGUES, MONIQUE BRONZONI DAMASCENA, BRUNA SILVA DE MATTOS, RAFAELA NASCIMENTO DOS REIS
<b>ENPESS 2022</b>	ESTADO, EMANCIPAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA: HISTÓRIA, TEORIA E IMPLICAÇÕES PARA A AMPLIAÇÃO DA CIDADANIA	BÁRBARA T. SEPÚLVEDA, THAYNNÁ CARNEIRO
<b>ENPESS 2022</b>	DETENÇÃO SEM MURO: UMA ANÁLISE SOBRE A IMPORTÂNCIA DO EIXO ESPORTE, CULTURA E LAZER NA EXECUÇÃO DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS.	RODRIGO DA COSTA LAROQUI, AGATHA SANTOS CAMELO, RAÍSSA LIBERAL COUTINHO

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 7** – Distribuição de trabalhos do ENPESS em 2018

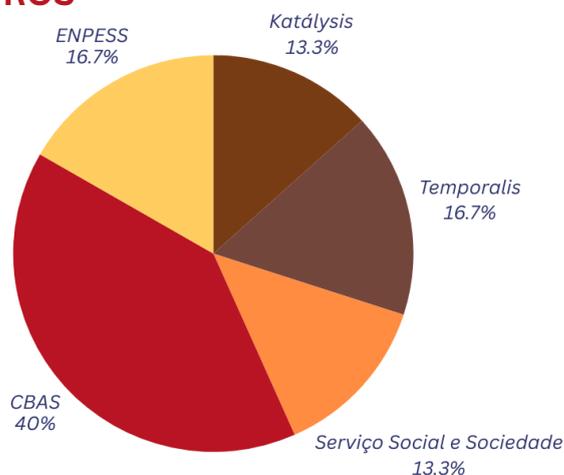
<b>EDIÇÃO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>
<b>ENPESS 2018</b>	ARTEMISIA GENTILESCHI E JUANA INÉS DE LA CRUZ: EXPRESSÕES DO FEMINISMO NA HISTÓRIA DA ARTE E LITERATURA	MIRLA CISNE ÁLVARO, FERNANDA MONIQUE DE LIMA FERREIRA, ARYANNY FADJA BERNARDO DO NASCIMENTO
<b>ENPESS 2018</b>	AS CULTURAS JUVENIS E A POLÍTICA DE SAÚDE: O CORPO, A ARTE E OS RISCOS SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS NÃO HETEROSSEXUAIS	ISABELLE MELO ROCHA LIMA, ALBERLANE PEREIRA DE MATOS

		BARROS, NAYARA MACHADO MELO PONTE, FRANCISCO NATANAEL LOPES RIBEIRO, MARIA ADELANE MONTEIRO DA SILVA
<b>ENPESS 2018</b>	INCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA FÍSICA POR MEIO DA DANÇA	EDUARDO DUARTE MACHADO, MARCELLA DIAS MAZOLINI MENDES, MAYANE FIOROT SIMONI, MARIA ÂNGELA BRAGA PEREIRA NIELSEN, LUCIANA CARRUPT MACHADO SOGAME
<b>ENPESS 2018</b>	APROXIMAÇÕES AO DEBATE SOBRE CULTURA E SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE	ELIANA MOURGUES COGOY
<b>ENPESS 2018</b>	O DEBATE DE CULTURA NA OBRA DE ANTONIO GRAMSCI E A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA NO DEBATE ACADÊMICO DO SERVIÇO SOCIAL	RAFAELA DE SOUZA RIBEIRO

Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 01** – Quantitativo por Eventos, Congressos e Encontros.

## REVISTA, CONGRESSOS E ENCONTROS



**Fonte:** Elaboração própria.

No Gráfico 01, observou-se uma quantidade significativa de produções no CBAS (Congresso Brasileiro de Assistente Sociais), que contou com 40% das produções levantadas. Historicamente, este congresso possui marca como um elo entre os assistentes sociais e os trabalhadores. A quantidade elevada de produções encaminhadas para a emancipação humana e o fortalecimento da consciência crítica do proletariado a partir da dimensão socioeducativa e a arte representa a continuidade do compromisso com este elo.

### **3.3 Direções sociais do uso da Arte como ferramenta socioeducativa: uma análise das categorias e perspectivas utilizadas nas produções acadêmicas**

Neste tópico, é indicada a necessidade de categorizar os eixos centrais da temática, que comumente são encontrados nas produções científicas e exploram o mapeamento da arte no Serviço Social. Esses eixos consistem em: Emancipação humana, cultura e sociedade, educação popular, dimensão socioeducativa e ampliação da cidadania, mediação profissional e identidade. É neles em que é possível concluir as direções sociais promissoras e pertinentes, de certa maneira convergentes com a direção escolhida nesta pesquisa, que se baseia sobretudo na tradição marxista.

#### **1. Emancipação humana**

A partir da análise das produções aqui catalogadas, vê-se uma quantidade expressiva no que diz respeito à superação do “estranhamento” dos indivíduos dentro do contexto do processo produtivo. É nesta categoria em que a libertação do trabalhador se define no momento em que o mesmo se reconhece como um sujeito ativo na transformação social. Os

elementos fundantes da sociabilidade em que a emancipação humana se concretiza pressupõe um trabalho associado<sup>13</sup> e a exclusão das engrenagens do capital.

Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas "*forces propres*" [forças próprias] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política. (Marx, 2010, p. 70)

Sob uma lógica em que é imposta uma realidade, para além das potências e capacidades do trabalhador, a emancipação, concomitantemente, implica a mudança radical na forma como o trabalho é organizado. É nesse sentido que é apontado “[...] desde 1844, não se trata mais de refazer o caminho da Revolução Francesa, de marchar sobre seus rastros, mas de empreender uma revolução inédita, inaudita, sem precedente. Não se trata de obter somente a emancipação política, mas de atingir a emancipação humana” (Marx, 2010, p. 16). Não basta estabelecer unicamente uma emancipação política, pois a mesma deve estar alinhada com o desenvolvimento da emancipação humana.

“No caso específico do Brasil é preciso considerar ainda a particularidade da sua formação [...] isso significa lembrar traços autoritários, práticas coronelistas e patrimonialistas que conformaram o desenvolvimento do Estado brasileiro, e que garantiram limites aos processos de emancipação e socialização política” (Sepúlveda, Carneiro, 2022, p. 16). É nessa perspectiva em que a arte, ao proporcionar a subversão às estruturas hegemônicas, possui o seu um papel singular na definição de uma cultura contra-hegemônica e na emancipação humana.

Ela não se restringe a uma manifestação pessoal ou a um mero objeto estético, mas representa um campo dinâmico de resistência, mudança e imaginação coletiva. Assim, a arte proporciona os instrumentos simbólicos e práticos para redefinir a realidade e proporcionar a imaginação de outras formas de se viver em sociedade.

## **2. Cultura e sociedade**

Em contextos de domínio cultural, a arte pode se transformar em um espaço de resistência, onde as expressões culturais locais e populares são reivindicadas e apreciadas. A base teórica consiste majoritariamente nos estudos de Antonio Gramsci, Marina Maciel Abreu, Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, os quais sobressaem-se no debate sobre cultura e sociedade. Mussi (2017), diz que Gramsci propõe uma crítica cultural que não

---

<sup>13</sup> Trabalho de caráter complementar, focalizado no trabalho coletivo, de modo em que os objetivos pertençam a um caminho comum.

apenas descreve, mas ativamente transforma as relações sociais, destacando o papel da cultura e da literatura como forças políticas e educativas para a emancipação das classes subalternas. Ele argumenta pela necessidade de um engajamento intelectual alinhado com as demandas populares.

Em uma das produções, Mello (2019) apresenta o programa Pontos de Cultura, o qual é visto como uma política importante para democratizar a cultura, mas enfrenta desafios estruturais relacionados ao financiamento e à efetiva participação popular. O estudo ressalta que a cultura é um campo de disputa política e transformação social, especialmente em comunidades periféricas.

Braz (2013) discute o samba como práxis artístico-cultural, vinculando-o à consciência social e às contradições do trabalho. Trata o samba como uma manifestação sociocultural rica, que reflete a história e as lutas das classes trabalhadoras no Brasil. Ele transcende a análise cultural, mostrando como o samba incorpora e denuncia as contradições sociais, culturais e raciais do país.

### **3. Educação popular, dimensão socioeducativa e ampliação da cidadania**

Participantes ativos, nunca consumidores passivos imersos em conformismo mecanicista. Este foi o objetivo observado em um grande volume de produções que pautaram sobre a relação entre arte/educação. A educação popular, em seu processo de ensino-aprendizagem, foca na realidade concreta dos indivíduos em sua determinada conjuntura, ou seja, leva em consideração o contexto em que elas vivem.

Ela entende que ensinar não significa meramente uma disseminação de informações soltas, mas sim criar oportunidades para que o conhecimento seja construído pelos próprios educandos. A exemplo disto, temos o trabalho científico de Souza e Souza Junior (2021), que enfatiza a importância da fala e do desenvolvimento da expressividade estética para retomar memórias recalçadas na intenção de reeducar as perspectivas dos trabalhadores acerca das suas realidades.

“[...] por meio da fala é dada ao sujeito a oportunidade de acessar ideias recalçadas, passando a ter uma nova compreensão de si, de suas memórias. Supõe-se que, na medida em que o sujeito mantém ideias recalçadas de eventos ligados ao passado, este se torna presente por meio da fala, no caso específico, interessava-nos que os participantes pudessem refletir sobre suas experiências com o trabalho infantil e que essa reflexão repercutisse em sua atuação profissional presente.” (Souza e Souza Junior, 2021, p. 329)

Apesar da resistência em enfrentar o desafio de compreender a realidade, a arte, com sua capacidade de desvelar o olhar sobre a vida, se torna uma ferramenta poderosa na educação popular. Com seu forte componente político, ela ajuda a gerar uma situação que

favorece o desenvolvimento de uma visão mais crítica sobre a própria realidade vivida pelos indivíduos.

Capacitar técnicos da assistência social para reconhecer e combater o trabalho infantil, ressignificando-o como um problema cultural e não naturalizado através de atividades baseadas em memória, oralidade e expressão artística, como desenhos e teatro. As oficinas proporcionaram um espaço para reflexão crítica, promovendo mudanças de paradigma entre os técnicos. O estudo de Souza e Souza (2021) concluiu que as oficinas podem ser um instrumento efetivo de intervenção social e cultural no enfrentamento do trabalho infantil, com potencial para aplicação em outros contextos sociais.

#### **4. Mediação profissional**

Leão (2024) levanta os dilemas do uso da arte dentre as opções no acervo técnico-operativo da profissão. Ele salienta que “[...] o Serviço Social atua na reprodução ideológica da sociedade burguesa ou na construção da contra-hegemonia. É nesta perspectiva que se compreende que a arte pode ser uma mediação que dá materialidade a uma construção contra-hegemonica do trabalho profissional.” (Leão, 2024, p. 367).

No entanto, para o alcance da emancipação humana a partir da mediação profissional “temos por certo ser imprescindível a interferência no universo dos valores sintonizados com os dos movimentos sociais e com experiências teórico-práticas que favoreçam processos de suspensões cotidianas” (Lopes, 2017, p. 61)

#### **5. Identidade**

Em termos de movimentos sociais, a arte é tida como “espelho dos invisíveis”, expressão utilizada por Arruda (2018). Este mesmo autor valoriza a ideia de que “para a arte revolucionária [...] “estar e resistir no espaço”, de modo a não se sentir “sufocado” (depoimento de Bobina), pode nutrir o desejo e dar condições para superar a invisibilidade social, que é um processo interminável e composto de armadilhas.” (Arruda, 2020, p. 119). É com esta citação que se amplia o olhar para os meios e condições possíveis para desvencilhar-se das armadilhas do capital, de modo a fortalecer os processos de resistência e *autoconsciência*.

Dentre as produções houve algumas análises de fenômenos sócio-históricos a partir da leitura crítica de obras literárias e audiovisuais, a exemplo de *Vidas marias*, curta-metragem estimada pela sua capacidade em ampliar a consciência de classe de quem se identifica com o

cotidiano ilustrado de vulnerabilidades intergeracionais, como apontado por Silva e Carvalho (2022).

Encontrou-se, também, uma produção que aborda as alegorias do contexto brasileiro profascista a partir do livro *O conto da Aia*, da escritora canadense Margaret Atwood, e é nestas alegorias que a autora Vazquez (2019) levanta alguns apontamentos acerca das discussões de gênero como “[...] Encontramo-nos, assim, numa encruzilhada: o que nos espera nos próximos quatro anos? Que alternativas a esse retrocesso violento produziremos? Quais os caminhos da resistência? Estaremos diante de uma versão nacional d’O Conto da Aia?”

É nesta direção em que é possível encontrar a importância da relação realidade-literatura a partir do Projeto Clube de Leitura Carolina Maria de Jesus, cuja finalidade é por meio de produções literárias de escritoras mulheres desenvolver reflexões críticas, sobre abuso físico, moral e sexual, racismo, feminismo, transfobia, machismo, xenofobia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira a finalizar este trabalho, foi possível desmistificar, brevemente, quais discussões circundam a temática da arte como mediação profissional ao investigar o seu espaço ocupado na capacidade socioeducativa do fazer do Serviço Social.

O primeiro passo se deu ao explorar a sistematização dos fundamentos da estética, tendo em vista a importância de debruçar sobre as produções que entram em defesa da arte política e seus desdobramentos. Este passo partiu do entendimento da necessidade de trazer a teoria do reflexo de György Lukács para tratar da relação entre a vida cotidiana e a arte, bem como trazer autores para conceituar categorias, a exemplo da fetichização e da emancipação humana.

Apresentou-se o movimento de “arte pela arte” (*l'art pour l'art*), a qual retira a função social e envolve o artista em um campo de individualidade exacerbada. Tratou-se também da ampliação do “inconsciente ótico” a partir da fotografia, dos debates acerca da sétima arte e da indústria cinematográfica a partir dos pertinentes apontamentos de Walter Benjamin, que aborda com maestria a politização da arte e as ofensivas do fascismo no campo da arte.

Nesse sentido, foi feita uma linha do tempo das produções artísticas nacionais sob os apontamentos de Carlos Nelson Coutinho, usando os conceitos de “via prussiana” para levantar o debate do abafamento da participação popular nos entraves políticos. Foi buscado autores da literatura, produções cinematográficas e movimentos de contracultura que fazem alegoria à função social da arte, bem como sua importância dentro dos contextos políticos sob a penumbra conservadora e tradicionalista.

Para entendermos a relação do Serviço Social com a temática mais à fundo, introduzida a gênese da profissão, tendo em vista que o caráter socioeducativo da mesma está presente desde os seus primeiros embriões. Não obstante, esse caráter era constantemente deturpado devido ao fato de como o Estado se constitui como o “comitê executivo” da burguesia. Este elemento fornece embasamento para entender como a consciência de classe não estava unificada, os trabalhadores tornaram-se menos unidos, tendo em vista que o modo de produção é paralelo à sociabilidade.

Se, por um lado, a arte se insere no contexto do capitalismo como mercadoria e instrumento de alienação, por outro, ela carrega em si a possibilidade de ruptura, de questionamento e de resistência. Na prática profissional do Serviço Social, sua presença pode abrir caminhos para diálogos mais humanizados, para a expressão de subjetividades silenciadas e para a resignificação de experiências, sobretudo entre os trabalhadores.

Os resultados alcançados deliberados aqui apontaram que a arte, com a direção social alinhada ao projeto ético-político do Serviço Social, é capaz de superar as aparências, expandindo a percepção das coisas, sobretudo da realidade concreta, visto que antropomorfiza a visão do indivíduo sobre o mundo. No entanto, não é capaz de, sozinha, minimizar os impactos da barbárie capitalista por completo, de modo em que há necessidade de uma luta constante pela busca de superação do *status quo anti*. A perspectiva messiânica dela tende a ser nociva, tendo em vista que o entendimento de que ela poderá solucionar todos os problemas que são intrinsecamente estruturais, é extremamente inequívoco.

Nesse sentido, apesar de ser uma ferramenta bastante utilizada no fazer profissional, neste trabalho foi absorvido que ainda há uma carência de produção científica acerca das práticas e das possibilidades da arte como mediação. Pouco se estabelece relações entre o campo prático e os estudos sobre emancipação humana por mediação da arte. Foi entendido também, por sua vez, que esse campo temático tem se consolidado como área de interesse na profissão mais recentemente. É evidente nas produções científicas sobre a temática, a arte, sobretudo, tem aparecido como uma mediação da materialização da dimensão pedagógica da profissão.

No entanto, reconhecer a arte como ferramenta de mediação profissional não significa superestimar seu alcance. Nenhuma prática artística, por si só, pode eliminar as contradições inerentes ao sistema que estrutura a desigualdade social. Mas é na fissura desse sistema, naquilo que escapa ao domínio da mercadoria e resiste à lógica da produtividade, que a arte reafirma sua força transformadora.

Para o Serviço Social comprometer-se com um projeto ético-político emancipatório a partir desta valiosa ferramenta, pode – e deve – apropriar-se das expressões artísticas como parte de sua atuação profissional. Para tanto, ainda é preciso ampliar os debates sobre essa intersecção, fortalecer a presença da arte nos espaços de formação e garantir que ela não seja apenas uma estratégia instrumental, mas um campo legítimo de luta e construção coletiva.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ABREU, M. **A questão pedagógica e a hegemonia das classes subalternas - aportes da análise gramsciana**". *Serviço Social e Sociedade* n°51. São Paulo, Cortez, ano XVII, ago. 1996, p. 61-75.

ARRUDA, D. P. **Arte e Serviço Social: aspectos necessários sobre o ser-artístico**. *Revista. Katálisis*, Florianópolis, v.25, n. 2, p. 404-414, maio-ago. 2022.

ARRUDA, D. P. **Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica**. *Revista Katálisis*, v. 23, n. 01, p. 111-121, 2020.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Barbárie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético-político**. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, n. 106, p. 205- 218, abr./jun. 2011.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica**. In: *Estética e sociologia da arte*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia**. (Trad. Sérgio P. Rouanet) In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1931.

BRAZ, Marcelo (Org.). **Samba, Cultura e Sociedade: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

BROOME, M. E. Integrative literature reviews for the development of concepts. In: RODGERS, B. L.; CASTRO, A. A. **Revisão sistemática e meta-análise**. 2006.

CFESS (org.). **Atribuições privativas do/a assistente social em questão**. Brasília: CFESS, 2012 (1ª edição ampliada) Disponível em <http://cfess.org.br/arquivos/atribuicoes2012-completo.pdf> Acesso em 31 de agosto de 2024.

CONCEIÇÃO, Débora Guimarães da. O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social. **Serviço Social em Revista**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 50–67, 2010. DOI: 10.5433/1679-4842.2010v12n2p50. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7542>. Acesso em: 13 ago. 2024.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideais e formas**. 4 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, 2 ed.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamázov**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008

FISHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Trad. Leandro Konder. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FÓRUM. **Brasil Paralelo gastou R\$ 22 milhões em redes na Meta em anos; dobro da Secom**. Fórum, São Paulo, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/midia/2024/3/19/brasil-paralelo-gastou-r-22-milhes-em-redes-na-meta-em-anos-dobro-da-secom-155935.html>. Acesso em: 24 jul. 2024.

FORD, J. V., & PEDROSO, G. J. V. Considerações benjaminianas sobre Arte, Cultura e Serviço Social. **Temporalis**, 23(45), 363–378., 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados. 2018.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, A. **Os Cadernos do Cárcere**. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUERRA, Yolanda. **A Instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo, Cortez, 1995.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2007.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 2008b.

LEÃO, R. H. Arte como mediação: dilemas e formação profissional. **Temporalis**, 24(47), 365–381. <https://doi.org/10.22422/temporalis.2024v24n47p365-381>, 2024.

NETTO, J. P. **A construção do projeto ético-político contemporâneo**. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do serviço social no Brasil pós 64. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, J.P. **Lukács**: o longo caminho até a Estética. In: LUKÁCS, György. Estética I. 1ª Edição. São Paulo, Boitempo, 2023, 11-145.

NETTO, J. P. **Para a crítica da vida cotidiana**.; CARVALHO, M. C. B. Cotidiano: conhecimento e crítica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

NETTO, J.P. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano 17, n. 50, p. 87-132, abr. 1996.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**: a edição com manuscritos e ensaios inéditos/Clarice Lispector; [concepção visual e projeto gráfico Izabel Barreto]. – 1ª ed – Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

LOPES, I. C. C. (2017). A mediação da arte no trabalho educativo do serviço social para a emancipação humana. **Temporalis**, 17 (33), 61–74.  
<https://doi.org/10.22422/temporalis.2017v17n33p61-74>

LUKÁCS, G. **Arte e sociedade**: escritos estéticos (1932-1967). 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LUKÁCS. Arte livre ou arte dirigida?. **Revista Civilização Brasileira**, ano III, n. 13, maio 1967, p. 159-178

LUKÁCS, György. **Estética I**. 1ª Edição. São Paulo, Boitempo, 2023.

MARCELLINO, N. C. **GRAMSCI E A REVOLUÇÃO CULTURAL**. Reflexão, 8(27). Recuperado de <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/11803>, 2024.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, István. **Marx**: A Teoria da Alienação. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1981.

MINAYO, M.C. de S. (Org..). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro, 1984.

PONTES, R. **Mediação e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução Mônica Costa Netto. 2ed. São Paulo: Exo Experimental Org; Editora 34, 200

SCHERER, G. A. **Serviço Social e Arte**: Juventudes e Direitos Humanos em Cena. 1. ed. São Paulo - SP: Cortez, 2013. v. 1. 190p

SOUZA, D. A. DE .; SOUZA JUNIOR, J. A. DE. Oficinas pedagógicas de enfrentamento ao trabalho infantil: memória, oralidade e expressão estética. **Serviço Social & Sociedade**, n. 141, p. 322–338, maio 2021

TERTULIAN, N. **Lukács**: Etapas De Seu Pensamento Estético. São Paulo: UNESP, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. São Paulo, Atlas, 1987.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.